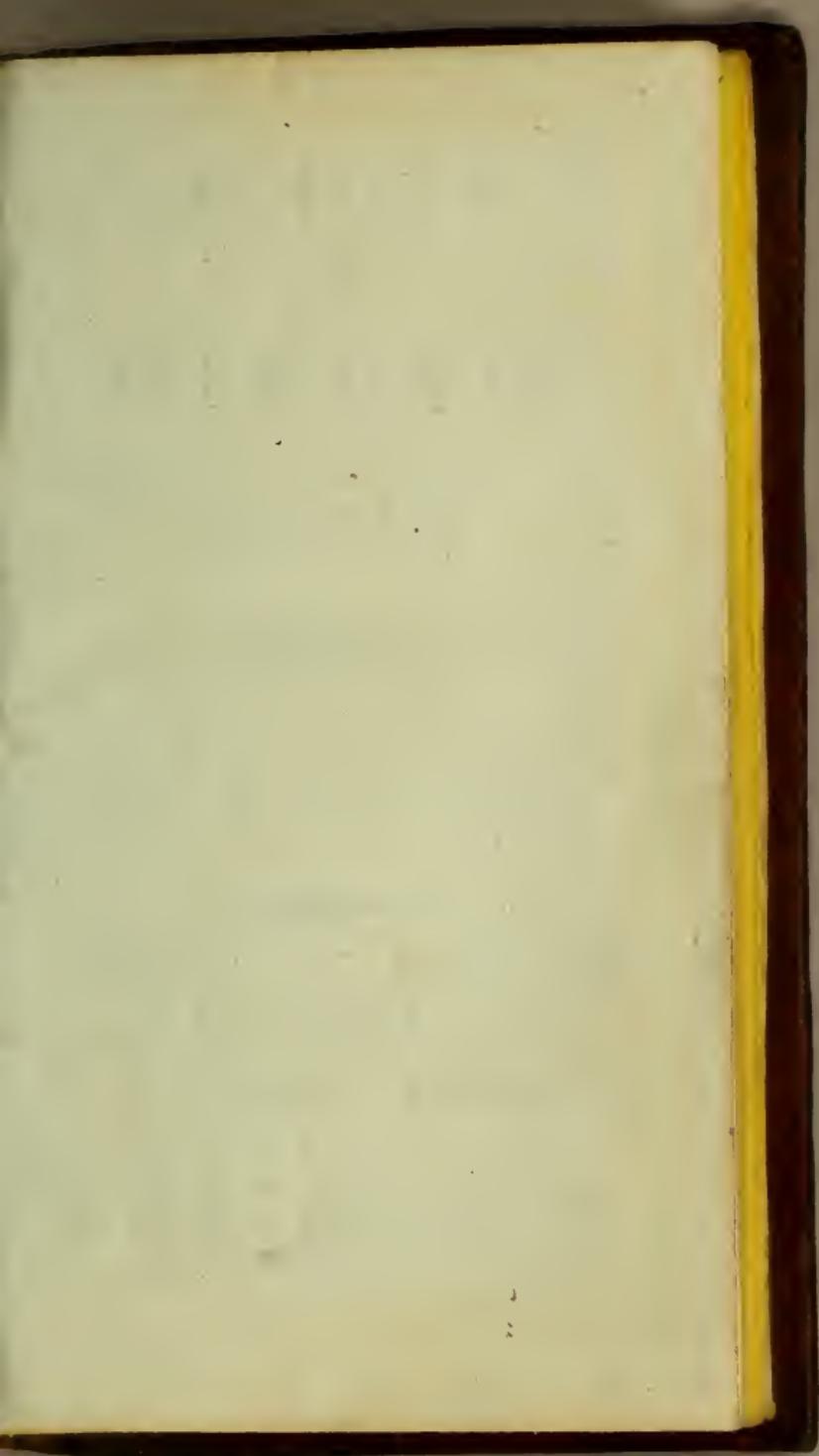
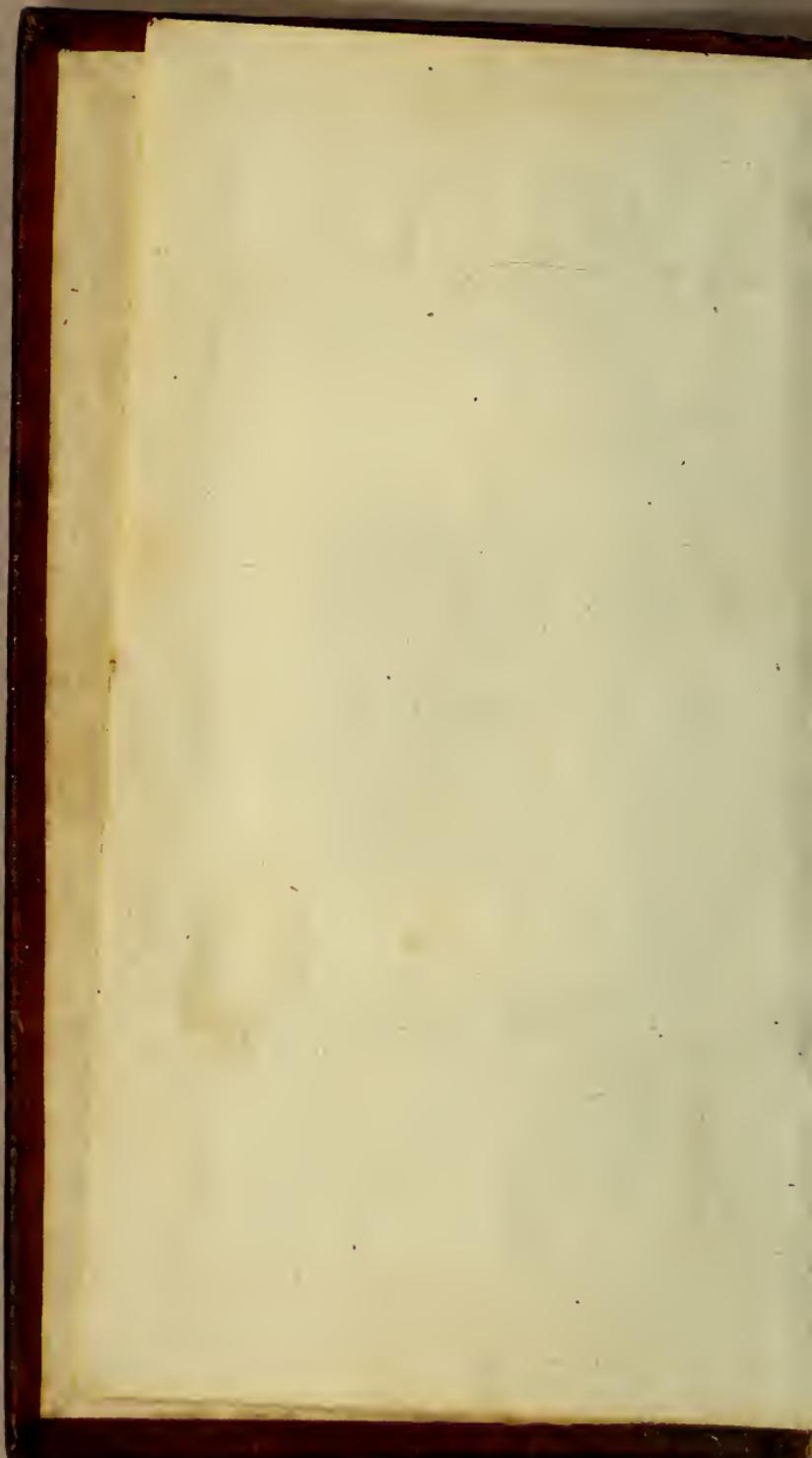






John Carter Brown  
Library  
Brown University





M A R I L I A  
D E  
D I R C E O.  
P O R T . A . G .

*PARTE I.*

N O V A E D I C C Ã O.

---

*Da* *Foto* *Santos* *Ag. nello*  
LISBOA:  
NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

1819.

---

*Com Licença da Meza de Desembargo  
do Paço.*

EPIC

## ADVERTENCIA.

N Esta Edição que vamos agora expôr ao Públíco , das Obras do nosso amavel Poeta , talvez unico neste genero de Poesia , temos a satisfação de poder dizer , que se não vão taes quaes elle as compozéra , tambem ninguem as terá tão exactas ; pois que a troco de laboriosas fadigas , e por dilatados tempos , nos imponzemos a tarefa de mendigar as Copias mais authenticas , e fidedignas , algumas até pela letra do mesmo Author ; e depois de hum maduro exame as colligimos desta maneira , substituindo-lhes muito mais Lyras , multiplicidade de versos , e mesmo infinitade de palavras trocadas , que vi.

nhão nas Edicções antecedentes. Tambem devemos prevenir o mesmo Pùblico de que supposto fosse impresso em Lisboa hum folheto, gurando a Terceira Parte das Obras do mesmo Author, he inteiramente apocrifo, e ate feito por pessoa daquelle nosso conhecimento; e como só queremos dar á Luz tudo aquillo de que temos huma cabal certeza ter sido composto pelo nosso amabilissimo Poeta; razão porque foi por nós atamente desprezado; não querendo que o Pùblico o avalie por mais de que

vale.

M A R I L I A  
D E  
D I R C E O.

---

L Y R A I.

**E**U, Marilia, não sou algum vaqueiro ;  
Que viva de guardar alheio gado ;  
Do tosco trato , d'expressões grosseiro ,  
Dos frios gelos , e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal , e nelle assisto ;  
Dá-me vinho , legume , fruta , azeite ,  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite ,  
E mais as finas lãs , de que me visto.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Eu vi o meu semblante n'uma fonte ,  
Dos annos inda não está cortado :  
Os Pastores , que habitão este monte ,  
Respeitão o poder do meu cajado.

A iii

Com tal destreza toco a sanfoninha,  
 Que inveja até me tem o proprio Alceste  
 Ao som della concérto a voz celeste;  
 Nem canto letra, que não seja minha.

Graças, Marilia bella,  
 Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
 Só appreço lhes dou, gentil Pastora,  
 Depois que o teu affecto me segura,  
 Que queres do que tenho ser Senhora.  
 He bom, minha Marilia, he bom ser dono  
 De hum rebanho, que cubra môte, e prado  
 Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
 Vale mais q'hū rebanho, e mais q'hū trono.

Graças, Marilia bella,  
 Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,  
 A quem a luz do Sol em vão se atreve:  
 Papoila, ou rosa delicada: e fina,  
 Te cobre as faces, que são côr da neve.  
 Os teus cabellos são huns fios d'ouro;  
 Teu lindo corpo balsamos vopóra.

D E D I R C E O. 7

H! não, não fez o Céo, gentil Pastora,  
Para gloria de Amor igual Thesouro.

Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado:  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar huma rez, o nedio gado.  
Já destes bens, Marilia, não preciso:  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marilia, basta  
Que os olhos movas, e me dês hum riso.

Graças: Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Irás a divertir-te na floresta,  
Sustentada, Marilia, no meu braço;  
Alli descançarei a quente sésta,  
Dormindo hum leve sonno em teu regaço:  
Em quanto a luta jogão os Pastores,  
E emparelhados correm nas campinas,  
Toucarei teus cabellos de bonitas,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.

A iv

Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella :

Depois que nos ferir a mão da Morte,  
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dous a mesma terra;  
Na campa, rodeada de ciprestes,  
Terão estas palavras os Pastores:  
« Quem quizer ser feliz nos seus amores,  
» Siga os exemplos, que nos derão estes »  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella :

## L Y R A II.

**P**intão, Marilia, os Poetas  
A hum menino vendado,  
Com huma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras azas nos hombros,

O tenro corpo despido ,  
E de Amor , ou de Cupido  
São os nomes , que lhe dão.

Porém eu , Marilia , nego ,  
Que assim seja Amor ; pois elle  
Nem he moço , nem he cego ,  
Nem settas , nem azas tem .  
Ora pois , eu vou formar-lhe  
Hum retrato mais perfeito ,  
Que elle já ferio meu peito ;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos ;  
Que sobre as costas ondeão ,  
São que os de Apollo mais bellos ;  
Mas de loura côr não são .  
Tem a côr da negra noite ;  
E com o branco do rosto  
Fazem , Marilia , hum composto  
Da mais formosa união .

Tem redonda , e liza testa :  
Arqueadas sobrancelhas ,

A v

A voz meiga , a vista honesta ,  
E seus olhos são huns róes.  
Aqui vence Amor ao Cœo ,  
Que no dia luminoso  
O Cœo tem hum Sol formoso ,  
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa ,  
Marilia , estão misturadas  
Purpureas folhas de rosa ,  
Brancas folhas de jasmim .  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beiços são formados ;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim .

Mal vi seu rosto perfeito  
Dei logo hum suspiro , e elle  
Conheceo haver-me feito  
Estrago no coração .  
Punha em mim os olhos , quando  
Entendia eu não olhava :  
Vendo que o via , baixava  
A modesta vista ao chão .

D E D I R C E O.      II

Chamei-lhe hum dia formoso ;  
Elle , ouvindo os seus louvores ,  
Com hum gesto desdenhoso  
Se surrio , e não fallou .  
Pintei-lhe outra vez o estado ,  
Em que estava esta alma posta ;  
Não me deo tambem resposta ,  
Constrangeo-se , e suspirou .

Conheço os signaes , e logo  
Animado da esperança ,  
Busco dar hum desafogo  
Ao cansado coração .  
Pégo em seus dedos nevados ,  
E querendo dar-lhe hum beijo  
Cubri-o-se todo de pejo ,  
E fugio-me com a mão .

Tu , Marilia , agora vendo  
De Amor o lindo retrato ,  
Comigo estarás dizendo ,  
Que he este o retrato teu .  
Sim , Marilia , a copia he tua :  
Que Cupido he Deos supposto ;

Se ha Cupido, he só teu rosto;  
Que elle foi quem me venceo.

---

## L Y R A III.

**D**E amar, minha Marilia, a formosura  
Não se podem livrar humanos peitos.  
Adorão os Heróes; e os mesmos brutos  
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.  
Quem, Marilia, despreza huma belleza,  
A luz da razão precisa;  
E se tem discurso, pisa  
A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove  
Huma vez se madou em chuva de ouro:  
Outras vezes tomou as várias fórmas  
De General de Thebas, velha, e touro.  
O proprio Deos da Guerra deshumano  
Não viveo de amor illeso;  
Quiz a Venus, e foi preso  
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,  
Tem mais desculpa, ou menos esta chama:  
Amar formozos rostos acredita,  
Amar os feios de algum modo infama.  
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,  
Que amou vulgar donzella:  
Lê que amou a Danae bella,  
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar huma belleza se desculpa  
Em quem ao proprio Geo, e terra move;  
Qual he a minha gloria, pois igualo,  
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?  
Amou o Pai dos Deoses Soberano  
Hum semblante peregrino;  
Eu adoro o teu divino,  
O teu divino rosto, e sou humano.

## L Y R A IV.

**M**arilia, teus olhos  
São réos, e culpados,  
Que soffra, e que beije  
Os ferros pezados  
De injusto Senhor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,  
O sangue gelou-se,  
A lingua prendeo-se,  
Treimi, e mudou-se  
Das faces a côr.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

A vista furtiva,  
O riso imperfeito;  
Fizerão a chaga,

Que abriste no peito ,  
Mais funda , e maior.  
Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servirte ;  
Levava o teu gado  
A' fonte mais clara ,  
A' vargem , e prado  
De relva melhor.  
Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade ,  
Trazia dos ninhos  
As aves nascidas ,  
Abrindo os biquinhos  
De fome ou temor.  
Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Se alguem te louvava ,  
De gosto me enchia ;  
Mas sempre o ciume

No rosto accendia  
Hum vivo calor.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre ,  
Dirceo se alegrava ;  
Se estavas sentida ,  
Dirceo suspirava  
A' força da dôr.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura ,  
Marilia dizia ;  
Surria-se aquella ,  
E eu conhecia  
O erro de amor.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Movida , Marilia ,  
De tanta ternura ,  
Nos braços me déste

Da tua fé pura  
Hum doce penhor.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Tu mesma dissesse  
Que tudo podia  
Mudar de figura;  
Mas nunca seria  
Teu peito traidor.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Tu Já te mudaste;  
E a Olaia frondosa;  
Aonde escreveste  
A jura horrorosa,  
Tem todo o vigor.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,  
Que o fado tyrauno  
Te obriga a deixar-me;

Pois basta o meu damno  
Da sorte, que for.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

---

## L Y R A V.

**O**H! quanto pôde em nós a vária Es-trella:  
Que diversos que são os genios nossos!  
Qual sólta a branca vella,  
E affronta sobre o pinho os mares grossos.  
Qual cinge com a malha o peito duro;  
E marchando na frente das cohortes:  
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sórdido avarento em vão defende  
Que possa o filho entrar no seu thesouro;  
Aqui fechado estende  
Sobre a taboa, que vérga, as barras d'ouro.  
Sacode o jogador do cópo os dados;  
E n'uma noite só, que ao sonno rouba,  
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da vatoz gulla o vicio adora  
Da lantai meza os seus prazeres fia.  
E o terno Alceste chora  
Ao som dos versos, a que o genio o guia;  
O sabio Gallileo toma o compasso,  
E sem voar ao Ceo, calcula, e mede  
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pais, Marilia, a vária gente,  
Se deixa conduzir do proprio gosto;  
Passo as horas contente  
Notando as graças do teu lindo rosto.  
Sem cansar-me a saber se o Sol se move,  
Ou se a terra volta, assim conheço,  
Aonde chega o podér do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;  
E noto as faces de jasmins, e rosas;  
Noto os teus olhos bellos;  
Os brancos dentes, e as feições mimosas;  
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,  
Minha bella Marilia, tambem pôde  
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

---

LYRA VI.

**A**Caso são estes  
Os sitios formosos,  
Aonde passava  
Os annos gostosos?  
São estes os prados,  
Aonde brincava,  
Em quanto pastava  
O gordo rebanho,  
Que Alceo me deixou?  
São estes os sitios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Daquelle penhasco  
Hum rio cahia,  
Ao som do sussurro  
Que vezes dormia:

Agora não cobrem  
Espumas nevadas  
As pedras quebradas :  
Parece que o rio  
O curso voltou.  
São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas ?  
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre  
Aqui repetia :  
O E'co as palavras  
Tres vezes dizia.  
Se chamo por elle ,  
Já não me responde ;  
Parece se esconde ,  
Cansado de dar-me  
Os ais , que lhe dou.  
São estes os sitios ?  
São estes , mas eu  
O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Aqui hum regato  
Cerraria sereno  
Por margens cobertas  
De flores, e feno:  
A' esquerda se erguia  
Hum bosque fechado,  
E o tempo apressado,  
Que nada respeita,  
Já tudo mudou;  
  
São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou,  
Marilia, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?  
Accaso podia  
Já tudo mudar-se  
No espaço de hum dia?  
Existem as fontes,  
E os feixos copados;

Dão flores os prados ,  
E corre a cascata ,  
Que nunca seccou .

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou .  
Marilia , tu chamas ?  
Espera , que vou .

Minha alma , que tinha  
Liberta a vontade ,  
Agora já sente  
Amor , e saudade .  
Os sitios formosos ,  
Que já me agradárão ,  
Ah ! não se mudárão ;  
Mudarão - se os olhos ,  
De triste que estou .

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou .  
Marilia , tu chamas ?  
Espera , que eu vou .

## L Y R A VII.

**V**O retratar a Marilia,  
A Marilia, meus amores;  
Porém como se eu não vejo  
Quem me empreste as finas cores:  
Dar-m'as a terra não pôde;  
Não, que a sua côr mimosa  
Vence o lyrio, vence a rosa,  
O jasmim, e as outras flores.

Ah soccore, Amor, soccorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Vôa sobre os Astros, vôa,  
Traze-me as tintas do Ceo.

Mes não se esmoreça logo;  
Busquemos hum pouco mais;  
Nos mares talvez se encontrem  
Cores, que sejão iguaes.  
Porém não, que em paralello  
Da minha Nynfa adorada

erolas não valem nada,  
nada valem coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Vôa sobre os Astros, vôa,  
Traze-me as tintas do Ceo.

ó no Ceo achar-se pódem  
taes bellezas, como aquellas,  
que Marilia tem nos olhos,  
que tam nas faces bellas.  
nas ás faces graciosas,  
os negros olhos, que matão,  
Não imitão, não retratão  
Nem Auroras, nem Estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Vôa sobre os Astros, vôa,  
Traze-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,  
Entremos na niesma Esféra:  
Venha Pallas, venha Juno,  
Venha a Deosa de Cithéra.  
B

Porém não , que se Marilia  
 No certame antigo entrasse ,  
 Bem que a Paris não peitasse ,  
 A todas as tres vencéra.

Vai-te , Amor , em vão soccorres  
 Ao mais grato empenho meu :  
 Para formar-lhe o retrato  
 Não bastão tintas do Ceo .

## L Y R A VIII.

**E**U sou, gentil Matilia , eu sou Captivo ,  
 Porém não me venceo a mão armada  
 De ferro , e de furor :  
 Huma alma sobre todas elevada  
 Não cede a outra força , que não seja  
 A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora  
 Cadêas nas bigornas trabalhadas  
 Com pezados martellos :  
 Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas

Com duros ferros não , com fios d'ouro ,  
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos  
Cupido a tudo faz tyranna guerra :  
Sacode a setta ardente ,  
E sendo despedida cá da terra ,  
As nuvens rompe , chega ao alto Empyreo :  
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas  
Tirão , Marilia , os succos saborosos  
Das orvalhadas flores:  
Endentes dos teus beiços graciosos  
O mel não chupão , chupão ambrozias  
Nunca fartos Amores.

O Vento quando parte em largas fitas  
S folhas , que mença com brandura ;  
A fonte crystalina ,  
Sobre as pedras cahe de immensa altura ,  
Não forma hum som tão doce , como forma  
A tua voz divina.

Em tôrno dos teus peitos , que palpitaõ ;  
Exhalão mil suspiros desvelados  
Enxames de desejos ;  
Se encontrão os teus olhos descuidados ,  
Por mais que se atropellem , voão , chegão ,  
E dão furtivos beijos.

O Cisne , quando corta o manso lago ,  
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;  
A náo , que ao longe passa ,  
Quando o vento lhe infuna o pano grosso ,  
O teu garbo não tem , minha Marilia ,  
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade ;  
Eu prézo o captiveiro : sim , nem chamo  
A' mão de amor impia :  
Honro a virtude , e os teus dotes amo :  
Tambem o grande Achilles veste a saia ,  
Tambem Alcides sia.

---

LYRA IX.

M Arilia, de que te queixas ?  
De que te roube Dirceo  
O sincero coração ?  
Não te dêo tambem o seu ?  
E tu, Marilia, primeiro  
Não lhe lançastes o grilhão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Em torno das castas pombas  
Não rulão ternos pombinhos ?  
E rulão, Marilia, em vão ?  
Não se affagão c'os biquinhos ?  
E a provas de mais ternura  
Não os arrasta a paixão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta lei da Natureza  
Queria ter isenção ?  
B iii

Já viste , minha Marilia,  
Avezinhas , que não fação  
Os seus ninhos no verão ?  
Aquellas , com quem se enlação ,  
Não vão cantar-lhes defronte  
De molle pouso , em que estão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Se os peixes , Marilia , gerão  
Nos bravos mares , e rios ,  
Tudo efeitos de Amor são .  
Amão os brutos impíos ,  
A serpente venenosa ,  
A Onça , o Tigre , o Leão .  
Todos amão : só Marilia  
Desta lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

As grandes Deosas do Ceo  
Sentem a setta tyranna .  
Da amorosa inclinação .  
Diana , com ser Diana ,

Não se abrasa , não suspira  
Pelo amor de Endymião ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta lei da Natureza  
Queria ter isenção ?

Desiste , Marilia bella ,  
De huma queixa sustentada  
Só na activa opinião.  
Esta chama he inspirada  
Pelo Ceo ; pois nella assenta  
A nossa conservação .  
Todos amão : só Marilia  
Desta lei da Natureza  
Não deve ser isenção .

---

L Y R A X.

S E existe hum peito ,  
Que isento viva  
Da chama activa ,  
Que accende Amor .  
B iv

Ah! não habite  
Neste montado,  
Fuja apressado  
Do vil traidor.

Corra, que o impio  
Aqui se esconde,  
Não sei aonde;  
Mas sei que o vi;  
Tras novas settas;  
Arco robusto;  
Tremi de susto,  
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,  
Tristes mortaes,  
Quantos signaes  
O Impio tem.

Oh! como he justo  
Que todo o humano  
Hum tal tyranno  
Conheça bem!

No corpo ainda

Menino existe ;  
Mas quem resiste  
Ao braço seu ?  
Ao negro Inferno  
Levou a guerra ;  
Vencêo a terra ,  
Vencêo o ceo.

Já mais se cobrem  
Seus membros bellos ;  
E os seus cabellos  
Que lindos são !  
Vendados olhos ,  
Que tudo alcanção ,  
E já mais lanção  
A setta em vão.

As suas faces  
São côr da neve ,  
E a bocca breve  
Só risos tem .  
Mas , ah ! respira  
Negros venenos ,

Que nem ao menos  
Os olhos vêm.

Aljava grande  
Dépendurada,  
Sempre atacada  
De bons farpões.

Fere com estas  
Agudas lanças  
Pombinhas mansas,  
Bravos leões.

Se a setta faltá,  
Tem outra prompta,  
Que a dura ponta  
Já mais torcêo.

Ninguem resiste  
Aos golpes della:  
Marilia bella  
Foi quem lha deo.

Ah! não sustente  
Dura peleja  
O que deseja

Ser vencedor.

Fuja, e não olhe,  
Que só fugindo  
De hum rosto lindo  
Se vence Amor.

---

## LYRA XI.

**N**ão toques, minha Musa, não, não to-  
Na sonorosa Lyra, (ques  
Que ás almas, como a minha, namoradas  
Doces Canções inspira:  
Assopra no clarim, que apenas sôa,  
Enche de assombro a terra!  
Naquelle, a cujo som cantou Homero,  
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórmā  
 Cupido o seu thesouro:  
 Vivos olhos, e faces cōr da neve,  
 Com crespos fios de ouro;  
 Meus olhos só vêm gramas, e loureiros;  
 Vêm carvalhos, e palmas;  
 Vem os ramos honrosos, que distinguem  
 As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,  
 Empreza maior;  
 Deixemos as ternas  
 Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço  
 As Serpes despedaça;  
 Que fere os Cácos, q destronca as hydras,  
 Mais os leões, que abraça.  
 Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra  
 Dos Titães, e Tyfeos,  
 Que arrancão as montanhas, e atrevidos  
 Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,

Empreza maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento;  
Que a voz tambem levanto,  
Porém tu déste muito acima o ponto,  
Dirceo não pôde tanto:  
Abaixa, minha Musa, o tom, q' erguestes;  
Eu já, eu já te sigo,  
Mas, ah! vou a dizer *Horde*, e *Guerra*,  
E só, *Marilia*, digo.

Deixemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Só posso seguir-se  
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora  
Meu canto já se affina;  
E a humana voz parece que ao som dellas  
Se faz tambem divina.  
O mesmo, que cercou de muro a Thebas,  
Não canta assim tão terno;

Nem pôde competir comigo aquelle,  
Que desceo ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Só posso seguir-te  
Cântando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves  
Mostrão signaes de espanto,  
Erguem os collos, voltão as cabeças,  
Parão o ledo canto:  
Move-se o tronco, o vento se suspende,  
Pasma o gado, e não come:  
Quanto pôdem meus versos! Quanto pôde  
Só de Marilia o nome!

Deixemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor,

---

LYRA XII.

T Opei hum dia  
Ao Deos vendado ,  
Que descuidado  
Não tinha as settas  
Na impia mão.

Mal o conheço ,  
Me sóbe logo  
Ao rosto o fogo ,  
Que a raiva accende  
No coração.

*Morre , tyranno ,*  
*Morre , inimigo :*  
Mal isto digo ,  
Raivoso o apérto  
Nos braços meus.

Tanto que o moço  
Sente apertar-se ,  
Para salvar-se

Tambem me aperta  
Nos braços seus.

O leve corpo  
Ao ar levanto ;  
Ahi e com quanto  
Impulso o trago  
Do ar ao chão ?  
Poude suster-se  
A vez primeira ;  
Mas á terceira  
Nos pés , que alarga ,  
Se firma em vão.

Mal o derrubo ,  
Ferro aguçado  
No já cançado  
Peito , que arqueija ;  
Mil golpes dêo.

Suou seu corpo ;  
Tremeo gemendo ;  
E a côr perdendo ,  
Batêo as azas ;  
Em sim morreo.

Qual bravo Alcides,  
Que a hirsuta pelle-  
Vestio daquelle  
Grenhoso bruto,  
A quem matou.

Para que próve  
A empreza honrada;  
C'o a mão manchada  
Recolho as settas,  
Que me deixou.

Ouvio Marilia  
Que Amor gritava,  
E como estava  
Visinha ao sitio  
Valher-lhe vem.

Mas quando chega  
Espavorida,  
Nem já de vida  
O fero monstro  
Indicio tem.

Então Marilia,  
Que o vê de perto

De pó coberto,  
E todo envolto  
No sangue seu ,  
As mãos aperta  
No peito brando ,  
E afficta dando  
Hum ai , os olhos  
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle  
Compadecida ;  
Lava a ferida  
C'o pranto amargo ,  
Que derramou.

Então o monstro  
Dando hum suspiro ,  
Fazendo hum gyro  
C'o a baça vista ,  
Ressuscitou.

Respira a Deosa ;  
E vem o gôsto  
Fazer no rosto  
O mesmo effeito ,

Que fez a dôr.  
Que louca idéa  
Foi, a que tive!  
Em quanto vive  
Marilia bella,  
Não morre Amor.

---

## LYAR XIII

**M**inha bella Marilia, tudo passa;  
A sorte deste mundo he mal segura;  
Se vem depois dos males a ventura,  
Vem depois dos prazeres a desgraça;  
Estão os mesmos Deoses  
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:  
Apollo já fugio do Ceo brilhante,  
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte  
Acaba de roubar o bem, que temos;  
Até na triste campa não podemos  
Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulcro,  
 Que seus avós ergêrão, descansado;  
 Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
 Ferro do torto arado.

Ah! em quanto os Destinos impiedosos  
 Não voltão contra nós a face irada,  
 Façamos, sim façamos, doce amada,  
 Os nossos breves dias mais ditosos.

Huni coração, que frouxo  
 A grata posse de seu bem defere,  
 A si, Marilia, a si proprio rouba,  
 E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,  
 E façamos de feno hum brando leito,  
 Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,  
 Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,  
 Sem que o possão deter, o tempo corre;  
 E para nós o tempo, que se passa,  
 Tambem, Marilia morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,

se entorpece o corpo já cansado ;  
iste o velho cordeiro está deitado ,  
o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura  
e dote , que só goza a mocidade :  
ugão-se as faces , o cabello alveja , |  
Mal chega a longa idade.

que havemos d'esperar , Marilia bella ?  
que vão passando os floreantes dias ?  
s glorias , que vem tarde , já veem frias ;  
pôde em fim mudar-se a nossa estrella .

Ah ! não , minha Marilia ,  
proveite - se o tempo , antes que faça  
estrago de roubar ao corpo as forças ,  
E ao semblante a graça .

---

## L Y R A XIV.

O H! quantos riscos,  
Marilia bella,  
Não atropella  
Quem cego arrasta  
Grilhões de Amor!  
Hum peito forte,  
De acordo falto,  
Zomba do assalto  
Do vil traidor.

O amante de Hero  
Da luz guiado,  
C'o peito ousado  
Na escura noite  
Rompia o mar.

Se o Helesponto  
Se encapelava,  
Ah! não deixava  
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio  
A heroicidade  
Esta verdade,  
Minha Marilia,  
Prova tambem.

Cheio de esfôrço  
Vai ao Coccyto  
Buscar afficto  
Seu doce bem.

Que acção tão grande  
Nunca intentada !  
Ao pé da entrada  
Já tudo assusta  
O coração !  
Pendentes rochas ,  
Campos adustos ,  
Que nem arbustos ,  
Nem hervas dão.

Na funda fralda  
De calvo monte ,  
Corre Acheronte ,  
Rio de ardente

Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada,  
Vista inflammada,  
Que mete horror.

Que seguranças!  
Que fechaduras!  
As portas duras  
Não são de lenhos;  
De ferro são.

Por tres gargantas,  
Quando alguem bate,  
Raivoso late  
O negro cão;

Dentro da cova  
Soão lamentos;  
E que tormentos  
Não mostra aos olhos  
A escassa luz!  
Minos a pena  
Manda se intime

Igual ao crime,  
Que alli conduz.

Grande penedo  
Este carrega ;  
E apenas chega  
Do monte ao cume ,  
O faz rolar .

A pedra sempre  
Ao valle desce ,  
Sem que elle cesse  
De a ir buscar.

Nas limpas aguas  
Habita aquelle :  
Por cima delle  
Verdejão ramos ,  
Que poemos dão.

De balde a bocca  
Molhar pertende ;  
De balde estende  
Faminta mão.

Tem outro o peito

C

Despedaçado :  
Monstro enfaimado  
Já mais descança  
De lho roer.

A roxa carne ,  
Que o abutre come ,  
Não se consome ,  
Torna a crescer.

Mas bem que tudo  
Pavor inspira ,  
Tocando a lyra  
Desce ao Averno  
O bem Cantor.

Não se entorpecê  
A lingua , e braço ;  
Não treme o passo ,  
Não perde a côr.

Ah ! tambem quanto  
Dirceo obrára ,  
Se precisára ,  
Marilia bella ,  
Do esforço seu !

Rompera os mares  
Co peito terno,  
Fôra ao Inferno,  
Subira ao Ceo.

Aos dois amantes  
De Thracia, e Abydo  
Não deo Cúpido  
Do que aos mais todos  
Maior valor.

Por seus vassallos  
Forças reparte,  
Como lhes parte  
Os gráos de Amor.

---

L Y R A XV.

**A** Minha bella Marilia  
Tem de seu hum bom thesouro,  
Não he, doce Alcée, formado  
Do buscado  
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes,  
He feito d' huns olhos bellos,  
De humas faces graciosas,  
De crespos , finos cabellos ;  
E de outras graças maiores ,  
Que a natureza lhe deo :  
Bens , que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes ,  
Dar ás correntes desvios ,  
Pôr cercados espaçosos  
    Nos caudosos  
    Turvos rios .  
Posso emendar a ventura  
Ganhando astuto a riqueza ;  
Mas , ah ! caro Alceo , quem pôde  
Ganhar huma só belleza  
Das bellezas , que Marilia  
No seu thesouro metêo ?  
Bens , que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.

Da sorte , que vive o rico

Entre o fausto alegremente , .

Vive o guardador de gado

Apoucado ;

Mas contente.

Beije pois torpe avarento

As arcas de barras cheas :

Fu não beijo os vís thesouros ;

Beijo as douradas cadeas ,

Beijo as settas , beijo as armas

Com que o cego Amor venceo :

Bens , que valem sobre a terra ,

E que tem valor no Geo.

Ama Apollo , e o fero Marte;

Ama , Alceo , o mesmo Jove :

Não he , não a vã riqueza ,

Sim belleza ,

Quem os move.

Posto ao lado de Marilia

Mais que mortal me contemplo :

Deixo os bens , que aos homens cegão ,

Sigo dos Deoses o exemplo :

Amo virtudes , e dotes ;

Amo em fim , prezado Alceo ,

Bens, que valem sobre a terra,  
E que tem valor no Ceo.

---

## L Y R A XVI.

**M**inha Marilia,  
Tu enfadada?  
Que mão cusada  
Pertubar pôde  
A paz sagrada  
Do peito teu?  
Porém que muito  
Que irado esteja.  
O teu semblante,  
Tambem troveja  
O claro Ceo.

Fu sei, Marilia,  
Que outra Pastora  
A toda a hora,  
Em toda a parte

Cega namora  
Ao teu Pastor.  
Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo :  
Assim , Marilia ,  
Ha zelos , logo  
Que existe amor.

Olha , Marilia ,  
Na fonte pura  
A tua alvura ,  
A tua becca ,  
E a compostura  
Das mais feições.  
Quem tem teu rosto  
Ah! não receia  
Que terno amante  
Solte a cadeia ,  
Quebre os grilhões.

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas  
No seu cabello ,  
**C iv**

Sem pellés finas  
 No seu jubão.  
 Porém que importa ?  
 O rico aceio  
 Não dá , Marilia ,  
 Ao rosto feio  
 A perfeição.

Quando apareces  
 Na madrugada ,  
 Mal embrulhada  
 Na larga roupa ,  
 E desgrenhada  
 Sem fita , ou flor ;  
 Ah ! que então brilha  
 A natureza !  
 Então se mostra  
 Tua belleza  
 Inda maior.

O Céo formoso ,  
 Quando alumia  
 O Sol de dia ,  
 Ou estrellado

Na noite fria,  
Parece bem.

Tambem tem graça  
Quando amanhece ;  
Até, Marilia ,  
Quando anoitece  
Tambem a tem.

Que tens Marilia ,  
Que ella suspire !  
Que ella delire !  
Que corra os valles !  
Que os montes gire  
Louca de amor !  
  
Ella he que sente  
Esta desdita ;  
E na repulsa  
Mais se acredita  
O teu Pastor.

Quando ha , Marilia ,  
Alguma festa  
Lá na floresta ,  
( Falla a verdade )  
G v

Dança com esta  
O boni Dirceo ?  
E se ella o busca ,  
Vendo buscar-se  
Não se levanta ,  
Não vai sentar-se  
Ao lado teu ?

Quando hum por outro  
Na rua passa ,  
Se ella diz graça ,  
Ou muda o gesto ,  
Esta negaça  
Faz-lhe impressão ?

Se está fronteira ;  
E brandamente  
Lhe fita os olhos ,  
Não põe prudente  
Os seus no chão ?

Deixa o ciume ,  
Que te desvella ;  
Marilia bella ,  
Nunca recejes

Damno daquella  
 Que igual não for.  
 Que mais desejas ?  
 Tens lindo aspecto ;  
 Dirceo se alenta  
 De puro affecto ,  
 De pundonor.

---

## LYRA XVII.

**N**ão vez aquelle velho respeitavel  
 Que á moleta encostado  
 Apenas mal se move , e mal se arrasta ?  
 Oh quanto estrago não lhe fez o tempo !  
 O tempo arrebatado ,  
 Que o mesmo bronze gasta .

Enrugarão-se as faces , e perdêrão  
 Seus olhos a viveza ;  
 Voltou-se o seu cabello em branca neve ;  
 Já lhe treme a cabeça , a mão , o queixo ,  
 Nem tem huma belleza  
 Das bellezas , que teve .  
 C vi

Assim tambem serei , minha Marilia ,  
Daqui a poucos annos ;  
Que o ímpio tempo para todos corre.  
Os dentes cahirão , e os meus cabellos .  
Ah ! sentirei os danos ,  
Que evita só quem morre .

Mas sempre passarei huma velhice  
Muito menos penosa .  
Não trarei a moleta carregada :  
Descançarei o já vergado corpo  
Na tua mão piedosa ,  
Na tua mão nevada .

Nas frias tardes , em que negra nuvem  
Os chuveiros não lance ,  
Irei comigo ao prado florescente :  
Aqui me buscarás hum sitio ameno ,  
Onde os membros descance ,  
E o brando Sol me aquente .

Apenas me sentar , então movendo  
Os olhos por aquella  
Vistosa parte , que ficar fronteira ;

Apontando direi: *Alli faltámos,*  
*Alli, ó minha bella,*  
*Te vi a vez primeira.*

Verterão os meus olhos duas fontes,  
Nascidas de alegria:  
Farão teus olhos ternos outro tanto:  
Então darei, Marilia, frios beijos  
Na mão formosa, e pia,  
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente  
Meu corpo supportando  
Do tempo deshumano a dura guerra;  
Contente morrerei, por ser Marilia  
Quem sentida chorando  
Meus baços olhos cerra.

---

## L Y R A XVIII.

**E**U, Glauceste, não duvido  
Ser a tua Eulina aniada  
Pastora formosa,  
Pastora engracada.  
Vejo a sua côr de rosa,  
Vejo o seu olhar divino,  
Vejo os seus purpúreos beiços,  
Vejo o peito crystallino;  
Nem ha coura, que assemelhe  
Ao crespo cabello louro.  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito  
A' laranjeira copada,  
Estando de flores,  
E frutos ornada.  
He, Glauceste, os teus Amores;  
E nem por outra Pastora,

Que menos dotes tivera,  
Ou que menos bella fôra,  
O meu Glaucestê cançara  
As divinas cordas de ouro:  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he huma Deosa;  
Mas anima e formosura  
De huma alma de fera;  
Ouinda mais dura.  
Ah! quando Dirceo pondéra  
Que o seu Glaucestê suspira,  
Perde, perde o sofrimento,  
E qual enfermo delira!  
Tenha embora brancas faces,  
Meigos olhos, fios de ouro,  
A tua Eulina não vale,  
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,  
Tambem aos olhos he bello:  
Mas quando alumea,  
Tu tremes de vêlo.

Que importa se mostre chea  
De mil bellezas a ingrata?  
Não se julga formosura  
A formosura, que mata,  
Evita; Glaucoste, evita  
O teu estrago, e desdouro;  
A tua Eulina não vale,  
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto  
A' natureza não deve:  
Tem divino rosto,  
E tem mãos de neve.  
Se mostro na face o gôsto,  
Ri-se Marilia contente:  
Se canto, canta comigo,  
E apenas triste me sente,  
Limpa os olhos com as tranças  
Do fino cabello louro.  
A minha Marilia vale,  
Vale hum immenso thesouro.

---

LYRA XIX.

**E**M quanto pasta alegre o manso gado,  
Inha bella Marilia, nos sentemos  
' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos  
Na regular belleza,  
Que em tudo, quanto vive, nos descobre  
A sábia Natureza.

Attende, como aquella vacca preta  
O novilhinho seu dos mais separa,  
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta  
Attende mais, ó chára,  
Como a ruiva cadella  
Supporta que lhe morda o filho o corpo,  
E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura  
Entre as azas ao filho essa ave aqueanta,  
Como aquella esgravata a terra dura,

E os seus assim sustenta ;  
 Como se encoleriza ,  
 E salta sem receio a todo o vulto ;  
 Que junto delles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante ,  
 Quando der ao filhinho o peito brando ,  
 E reflectir então no seu semblante :  
 Quando , Marilia , quando  
 Di ser consigo : *He esta*  
*De teu querido pai a mesma barba ,*  
*A mesma bocca , e testa .*

Que gosto não terá a mãe , que toca ,  
 Quando o temi nos seus braços , c' o dedinho  
 Nas faces graciosas , e na bocca  
 Do innocent filhinho !  
 Quando , Marilia bella ,  
 O tenro infante já com risos mudos  
 Começa a conhece-la !

Que prazer não terão os pais ao verem  
 Com as mães hum dos filhos abraçados ;  
 Jogar outros a luta , cutros correrem

Nos cordeiros montados!  
Que estado de ventura!  
e até naquillo, que de pezo serve,  
Inspira Amor doçura.

---

L Y R A XX.

**E**M huma frondosa  
Roseira se abria  
Hum lindo botão.  
Marilia adorada  
O pôr lhe torcia  
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas  
A abelha enraivada  
O corpo escondeu.  
Tocou-lhe Marilia,  
Na mão descuidada  
A fera mordêo.

Apenas lhe morde,

Marilia gritando ,  
C'o dedo fugio,  
Amor , que no bosque  
Estava brincando ,  
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura ,  
E o sangue espargido ;  
Que a Deosa mostou ,  
Risonho beijando  
O dedo offendido ,  
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco .*  
*O pranto desatas ,*  
*Ah ! dá-me attenção ;*  
*E como daquelle ,*  
*Que feres , e matas ,*  
*Não tens compaixão ?*

---

---

LYRA XXI.

N<sup>o</sup> sei , Marilia , que tenho ;  
Depois que vi o teu rosto ;  
Pois quanto não he Marilia ,  
Já não posso ver com gôsto .

N'outra idade me alegrava ,  
Até quando conversava  
Com o mais rude vaqueiro :  
Hoje , ó bella , me aborrece  
Inda o trato lisonjeiro  
Do mais discreto pastor .  
Que efeitos são os que sinto  
Serão efeitos de Amor ?

Sáio da minha cabana  
Sem reparar do que faço ;  
Busco o sitio aonde moras ,  
Suspendo defronte o passo .

Fito os olhos na janella ,  
Aonde , Marilia bella ,

Tu chegas ao fim do dia;  
Se alguém passa, e te saúda,  
Bent que seja cortezia,  
Se accende na face a Côr.  
Que effeitos são os que sinto  
Serão effeitos de Amor?

Se estou, Marilia, contigo,  
Não tenho hum leve cuidado;  
Nem me lembra, se são horas  
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,  
Ao minuto, ao breve instante  
Finge hum dia o meu desgôsto:  
Ja mais, Pastora, te vejo  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior.  
Que effeitos são os que sinto  
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,  
Marilia, tão perturbado  
Que no mesmo aberto sulco  
Metto de novo o arado.

Aqui no cent. io pégo,  
N'outra parte em vão o cégo :  
Se alguém comigo conversa,  
Ou não responde, ou responde  
N'outra cousa tão diversa,  
Que nexo não tem menor.  
Que effeitos são os que sinto  
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro,  
Só Marilia me desvella :  
Enche-se o peito de magoa,  
E não sei a causa della.  
Mal durmo, Marilia, sonho  
Que fero leão medonho  
Te devora nos meus braços :  
Gella-se o sangue nas veias,  
E sólto do somno os laços  
A' força da immensa dôr.  
Ah! que os effeitos, que sinto ;  
Só são effeitos de Amor.

## L Y R A XXII.

**M**uito embora, Marilia, muito embora  
 Outra beleza, que não seja a tua,  
 Com a vermelha roda, a seis puxada,  
 Faça tremer a rua.

As paredes da salla, aonde habita,  
 Adorne a seda, e o tremó dourado;  
 Pendão largas cortinas, penda o lustre  
 Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,  
 Nem andarás nos coches voadores;  
 Porém terás hum Vate, que te preze,  
 Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;  
 E da pálida morte a mão tyranna  
 Arrasa os edifícios dos Augustos:  
 E arrassa a vil choupana.

Que bellezas , Marilia , florecerão ,  
De quem nem se quer temos a memoria:  
Ó pôdem conservar hum nome eterno  
Os versos , ou a historia.

Se não houvesse Tasso , nem Petrarcha ,  
Por mais que qualquer dellas fosse linda ,  
Á não sabia o mundo , se existirão  
Nem Laura , nem Clorinda.

He melhor , minha bella , ser lembrada  
Por quantos hão de vir sabios humanos ,  
Que ter urcos , ter coches , e thesouros ,  
Que morrem com os annos.

---

L Y R A XXIII.

N' Um sitio ameno  
Cheio de rosas ,  
De brancos lyrios ,  
Murtas viçosas ;

D

Dos seus amores  
Na companhia  
Dirceo passava.  
Alegre o dia.

Em tom de graça  
Ao terno amante  
Manda Marilia  
Que toque, e cante.

Féga na lyra,  
Seni que a tempere,  
A voz levanta,  
E as cordas fere.

C'os doces pontos  
A mão atina,  
E a voz iguala  
A' voz divina.

Ella, que teve  
De rir-se a idéa  
Nem move os olhos  
De assombro chêa:

Então Cupido  
Apparecendo,  
A' bella fala  
Assim dizendo:

*Do teu amado  
A lyra fias,  
Só porque delle  
Zombando rias?*

*Quando n'um peito  
Assento faço,  
Do peito subo  
A lingoa, e braço.*

*Nem creias que outro  
Estilo tome,  
Sendo eu o mestre,  
A acção teu nome.*

---

---

LYRA XXIV.

**E**ncheo, minha Marilia, o grande Jove  
De immensos animaes de toda a especie  
As terras, mais os ares,  
O grande espaço dos salobres rios,  
Des negros, fundos mares.  
Para sua defeza,  
A todos dêo as armas, que convinha  
A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros,  
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas;  
Dêo veneno á serpente,  
Ao membrudo elefante a enorme tromba,  
E ao javali o dente.  
Coube ao leão a garra:  
Com leve pé saltando o cervo foge;  
E o bravo touro marra.

o homem dêo as armas do discurso ,  
Que valem muito mais que as outras armas :  
Dêo-lhe dedos ligeiros ,  
Que pôdem converter em seu serviço  
Os ferros , e os madeiros ;  
Que tecem fortes laços ,  
forjão raios , com que os brutos cortão  
Os vôos , mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão  
Outras armas , que tem dobrada força :  
Dêo-lhes a Natureza  
Além do entendimento , além dos braços  
As armas da belleza .  
Só ella ao Ceo se atreve ;  
Ó ella mudar pôde o gélo em fogo ,  
Mudar o fogo em neve .

Eu vejo , eu vejo ser a formosura ,  
Quem arrancou da mão de Coriolano  
A cortadora espada .  
Vejo que foi de Helena o lindo rosto ,  
Quem pôz em campo armada  
Toda a força da Grecia .  
D iii

E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,  
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,  
O braço desarmar do mesmo Achilles;  
Se estes rostos irados  
Pódem soprar o fogo da discordia  
Em povos aliados;  
E's árbitra da terra;  
Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo  
A paz, e a dura guerra.

---

## L Y R A XXV.

O Cego Cupido hum dia  
Com os seus genios fallava  
Do modo, que lhe restava  
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,  
Hum dos genios mais sagazes  
Este conselho lhe deo:

As settas mais aguçadas,  
Como se em rócha batessem,  
Dão no peito seu , e descem  
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Matilia  
Pódem vencer hum tão duro ,  
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza  
Consiste em armiar-se o laço ,  
Sem que sinta ser o braço ,  
Que lho prepara , de Amor :  
Que elle vive como as aves ,  
Que já deixárão as pennas  
No visco do caçador.

Na força deste conselho  
O raivoso Deos socega ,  
E á tropa a honra entrega  
De o fazer executar.  
Todos pertendem ganha-la ;  
Batem as azas ligeiros ,  
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão  
Da Deosa nos olhos bellos:  
Qual se enlaçou nos cabellos,  
Qual ás faces se prendeo.

Hum amorinho cansado  
Cahio dos labios ao seio,  
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto  
Este novo ardil alcança,  
Muda-se n'uma criança  
De divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;  
Esconde as settas, e quanto  
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino  
Todo de graças cuberto,  
Tão risonho, e tão esperto  
Alli sósinho brincar.

A elle endireita os passos;  
Finge Amor ter medo, e a Deosa  
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando ;  
Elle fugia, e chorava :  
Assim forão onde estava  
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,  
E o gentil menino, entende  
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,  
Cerra os olhos, e constante  
Não quer ver o seu semblante,  
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses n'outra idade  
Para illudir as Serêas  
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,  
Julga o intento frustrado,  
E de raiva transportado  
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes ;  
Mettêo as unhas no rosto ,  
E os cabellos arrancou.

O Genio, que se escondia  
Entre os peitos da Pastora;  
Erguendo a cabeça fóra,  
E o successo conhecêo.

Deixa o socego em que estava,  
E vai ligeiro metter-se  
No peito do bém Dircêo.

Apenas c' o brandão peito  
Lhe tocou a neve fria,  
Com o calor, que trazia,  
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro,  
Abre os seus olhos, e sólta  
Do apertado ouvido a mão.

Lego que virão os Genios  
Ao triste Pastor disposto  
Para ver o lindo rosto,  
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas tóma,  
Cada hum com elhas busca  
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa  
Lhe fórmia hum Cupido laços,  
Que lhe segurão os braços ,  
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste ;  
Antes beija satisfeito  
As suas doces prizões.

---

L Y R A XXVI.

T U não verás , Marilla , cem cativos  
Tirárem o cascalho , e a rica terra ,  
Ou dos cercos dos rios caudalosos ,  
Ou da minada serra .

Não verás separar ao habil negro  
Do pezado esmeril a groça areia ,  
E já brilharem os granetes de oiro  
No fundo da Batêa .

Não verás derrubar os virgens mattos ;  
Queimar as capoeiras ainda novas ;  
**D vi**

Servir de adubo á terra a fertil cinza;  
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes  
Das secas folhas do cheirozo fumo;  
Nem espremer entre as dentadas rodas  
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza  
Altos volumes de entredados feitos;  
Vermeis folhear os grandes livros,  
E decidir os pleitos.

Fm quanto revolver os meus consultos;  
Tu me farás gostosa companhia,  
Lendo os factos da sabia mestra historia,  
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,  
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,  
Gostoso tornarei a ler de novo  
O cançado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,

Maria, não lhe invejes a ventura,  
que tens quem leve á mais remota idade,  
A tua formosura.

---

L Y R A XXVII.

O Destro Cupido hum dia  
Extrahio mimosas cores  
De frescos lyrios, e rosas,  
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas  
Usa de huma, e de outra tinta;  
E nos angulos do cobre  
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos  
No seu liso centro escreve  
Hum letreiro, que pergunta:  
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,

E lêo a letra engenhosa,  
 Pôz por baixo: Eu delle cedo;  
 Dê-se a Marilia formosa.

---

## L Y R A XXVIII.

**A**lexandre, Marilia, qual o rio,  
 Que engrossando no Inverno tudo arraza,  
 Na frente das cohortes  
 Cérca, vence, abraça  
 As Cidades mais fortes.  
**F**oi na gloria das armas o primeiro,  
 Morreu na flor dos annos, e já tinha  
 Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome  
 Não ha poder algum, que não abata,  
 Foi Marilia, sómente  
 Hum ditoso pirata,  
 Hum salteador valente.  
**S**e não tem huma fama baixa, e escura;  
**F**oi por se pôr ao lado da injustiça

A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,  
A' sua mesma Patria a fé quebranta;  
Na mão a espada tóma,  
Opprime-lhe a garganta,  
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heróe por hum delicto;  
Se acaso não vencesse, então seria  
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste  
Em queimar os Imperios : move a guerra;  
Espalha o sangue humano,  
E despovôa a terra  
Tambem o máo tyranno.  
Consiste o ser heróe em viver justo;  
E tanto pôde ser heróe o pobre,  
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella,  
Seguindo da virtude a honrosa estradas  
Ganhei, ganhei hum throno,  
Ah: não manchei a espada,

Não o roubei ao dono.  
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços :  
E valem muito mais que o mundo inteiro  
Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores  
Atormentão remorsos, e cuidados ;  
Nem descansão seguros  
Nos palacios cercados  
De tropa, e de altos muros.  
E a quantos nos não mostra a sabia historia  
A quem mudou o fado em negro opprobrio  
A mal ganhada gloria !

Eu vivo minha bella, sim, eu vivo  
Nos braços do descânço, e mais do gôsto,  
Quando estou acordado  
Contémplo no teu rosto  
De graças adornado :  
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.  
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe  
A mais o meu desejo,

## LYRA XXIX.

Tu formosa Marilia já fizestes ;  
om. teus olhos ditosas as campinas ;  
o turvo ribeirão em que nascestes ;  
Deixa, Marilia, agora  
As já lavradas serras ;  
Anda afoita romper os grocos mares ;  
Anda encher de alegria estranhas terras ;  
Ah ! que por ti suspirão  
Os meus saudosos lares !

Não corres como Sapho sem ventura ,  
Em seguimento de hum cruel ingrato ,  
Que não cede aos encantos da ternura ;  
Segues hum fino amante ,  
Que a perder-te morria .  
Quebra os grilhões do sangue e vem ó bella ;  
Tu já foste no Sul a minha guia ,  
Ah ! deves ser no Norte

Tambem a minha estrella;

Verás ao Deos Neptuno soccegado,  
 Aplainar c'o tridente as crespas ondas ;  
 Ficar como dormindo o mar salgado ;  
 Sim , e verás d'alheta  
 Soprar o brando vento ;  
 Mover-se o leme desrinzar-se o linho ;  
 Seguirem os Delfins o movimento ,  
 Que leva na carreira  
 O empavezado pinho

Verás como o Leão na proa arfando  
 Converte em branca espuma as negras ondas ,  
 Que atalha , e corta com murmúrio brando ;  
 Verás , verás Marilia ,  
 Da janella doirada ,  
 Que huma comprida estrada representa  
 A limpha cristalina , que pisada  
 Pela popa que foge ,  
 Em borbolhões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso ,  
 Tornar ao torto anzol , depois de o terem

lla rasgada bocca ao ar suspenso ;  
Os pequenos peixinhos  
Quaes passaros voarem ;  
toninhos verás o mar coalhado ,  
a surgirem , ora mergulharem ,  
Fingindo ao longe as ondas ,  
Que forma o vento irado .

erás que o grande monstro se apresenta ,  
um repicho formando com as aguas ,  
ue ao ar espalha da robusta ventas ;  
Verás em fim , Marilia ,  
As nuvens levantadas ,  
lumas de côr azul , ou mais escuras ,  
Outras da côr de rosa , ou prateadas ,  
Fazerem no Orizonte  
Mil diversas figuras .

Mal chegares á Foz do claro Tejo ,  
Apenas elle vir o teu semblante ,  
Dará no Leme do Baixel hum beijo ;  
Eu lhe direi vaidoso ,  
Não trago , não comigo ,  
Nem pedras de valor , nem montes d'ouro ;

*Roubei as aureas minas , e consigo  
Trazer para os teus cofres ,  
Este maior Thesouro.*

---

## L Y R A XXX.

**C**Upido tirando  
Des hombros a aljava  
Num campo de flores  
Contente briucava.

Ao corpo tenrinho  
Depois enfadado  
Incauto reclina  
Na relva do prado:

Marilia formosa ,  
Que ao Deos conhecia ,  
Occulta espreitava  
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme

Se chega contente,  
As armas lhe furta,  
E o Deos a não sente.

Os Faunos , mal virão  
As armas roubadas ,  
Sahirão das grutas  
Soltando rizadas.

Acorda Cupido ,  
E a causa sabendo ,  
A quantos o insultão  
Responde , dizendo :

*Temieis as settas  
Nas minhas mãos cruas ?  
Vereis o que pôdem  
Agora nas suas.*

---

---

L Y R A   XXXI.

**O** Tyranno Amor risonho  
 Me apparece, e me convida  
 Para que seu jugo acceite;  
 E quer que eu passe em deleite  
 O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte*  
*( Astuto o moço dizia )*  
*Já perto da morte estava ,*  
*Inda de amores cantava ;*  
*Por isso alegre vivia.*

*Aos negros , duros pezares*  
*Não resiste hum peito fraco ,*  
*Se amor o não fortalece :*  
*O mesmo Jove carece*  
*De Cupido , e mais de Baccho;*

Eu lhe respondo : *Perjuro*

*Nada creio do que dizes ;  
Porque já te fui sujeito ,  
Inda conservo no peito  
Estas frescas cicatrizes.*

*Se o mundo conhece malles ,  
Tu os maiores fizeste ;  
Sim tu a Troya queimaste ,  
Tu a Cartago abrazaste ,  
E tu a Antonio perdeste.*

*Amor , vendo que da offerta  
Algum apreço não faço ,  
Me diz afflito que trate  
De ir com elle a combate  
Peito a peito , braço a braço.*

*Vou buscar as minhas armas ;  
Ginjo primeiro que tudo  
O brilhante arnêz , e á pressa  
Ponho hum elmo na cabeça ,  
Tomo a lança , e o grosso escudo .*

*Mal no campo me apresento ,*

Marilia ( oh Ceos ! ) me apparece :  
 Logo que os olhos me fita ;  
 O meu coração palpita ,  
 A minha mão desfallece .

Então me diz o tyranno :  
*Confessa louco o teu erro ;*  
*Contra as armas da belleza*  
*Não vale a externa defeza*  
*Dessa armadura de ferro.*

## L Y R A XXXII.

**J**Unto a huma clara fonte  
 A mãe de Amor se sentou :  
 Encostou na mão o resto ,  
 No leve sonno pegou .

Cupido , que a vio de longe ,  
 Contente ao lugar correô ;  
 Cuidando que era Marilia  
 Na face hum beijo lhe dêo .

Acorda Venus irada :  
Amor a conhece ; e então  
Da ousadia , que teve ,  
Assim lhe pede o perdão :

*Foi facil , ó Mãe formosa ,  
Foi facil o engaño meu ;  
Que o semblante de Marilia  
He todo o semblante teu.*

---

## L Y R A XXXIII.

**M**inha Marilia ,  
Se tens belleza ,  
Da Natureza  
He hum favor .  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa  
He só por graça  
Do Deos de amor ,  
Que tanto inflamma

E

Amante o peito  
Do teu Pastor.

Em vão se virão  
Perlas mimosas,  
Jasmins, e rosas  
No rosto teu.  
Em vão terias  
Essas estrellas,  
E as tranças bellas,  
Que o Céo te dêo;  
Se em doce verso  
Não as cantasse  
O bom Dirceo.

O voraz tempo  
Ligeiro corre:  
Com elle morre  
A perfeição.  
Essa, que o Egypto  
Sábia modera,  
De Marco impera  
No coração; .  
Mas já Octavio

Não sente a força  
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,  
E o teu querido  
Ao Deos Cupido  
Louvores dar;  
Pois faz que todos  
Com igual sorte  
Do tempo, e morte  
Possão zombar:  
Tu por formosa,  
E elle, Marilia,  
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,  
Que de hum amante;  
Por mais que cante,  
Gloria não vem!  
Amor se pinta  
Menino, e cego:  
No doce emprego  
Do charo bem  
Não vê defeitos,  
E ii

E augmenta, quantas  
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,  
Em teu conceito,  
Nutrio no peito  
Nescia paixão?  
Todas aquellas,  
Que vês cantadas,  
Forão dotadas  
De perfeição?  
Forão queridas;  
Porém formosas  
Talvez que não.

Porém que importa  
Não valha nada  
Seres cantada  
Do teu Dirceo?  
Tu tens, Marilia,  
Cantor celeste;  
O meu Glaucesto  
A voz ergueo;  
Irá teu nome

Aos fins da terra ,  
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas  
Do leve vento  
Ao Firmamento  
Teu nome for :  
Mostrando Jove  
Graça extremosa ,  
Mudando a Esposa  
De inveja a côr ;  
De todos ha-de ,  
Voltando o rosto ,  
Sorrir-se Amor.

Ah : não se manche  
Teu brando peito  
Do vil defeito  
Da ingratidão :  
Os versos beija ,  
Gentil Pastora ,  
A penna adora ,  
Respeita a mão ,  
A mão discreta ,  
E iii

Que te segura  
A duração.

---

## L Y R A XXXIV.

**N**uma noite socegado  
Velhos papeis revolvia,  
E por ver de que tratavão  
Hum por hum a todos dia.

Erão copias emendadas,  
De quantos versos melhores  
Eu compuz na tenra idade  
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas  
Contra a ventura formadas,  
Leio excessos mal aceitos,  
Doces promessas quebradas.

Vendo sem razões tamanhas  
Eu exclamo transportado;

*Que finezas tão mal feitas !  
Que tempo tão mal passado !*

Junto pois n'hum grande monte  
Os soltos papeis , e logo ,  
Porque reliquias não fiquem ,  
Os intento pôr no fego.

Então vejo que o Deos cego  
Com semblante carregado  
Assim me falla , e crima  
O meu intento acertado.

*Queres queimar esses versos ?  
Dize , Pastor attrevido ,  
Essas Lyras não te forão  
Inspiradas por Cupido ?*

*Achos que de taes amores  
Não deve existir memoria ?  
Sepultando esses triunfos ,  
Não roubas a minha gloria ?*

*Disse Amor ; e mal se calla ,*  
*E iv*

Nos seus hombros a mão pondo,  
Com hum semblante sereno  
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares  
A minha Marilia belta,  
Devo guardar humas Lyras,  
Que não são em honra dellas.*

*E que importa, Amor, que importa  
Que a estes papeis destrua;  
Se he tua esta mão, que os rasga,  
Se a chamma, que os queima, he tua?*

*Apenas Amor-me escuta  
Manda que os lance nas brasas;  
E ergue a chamma c'o vento,  
Que formou batendo as azas.*

---

## LYRA XXXV.

**E**M sima dos viventes fatigados  
Morseo as dormideiras espremia,  
Os mentirosos sonhos me cercavão  
Na vaga fantasia,  
Ao vivo me pintavão  
As glorias que disperto  
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Não possante;  
Nos braços conduzindo a minha bella;  
Voltêa a grande roda, e a groça amarra  
Se enleia em torno della;  
Já ponho a proa á barra,  
Já cahe ao som do apito  
Ora huma, ora outra vella;

Os arvoredos já se não distinguem;  
A longa praia ao longe não branqueja;  
E já se vão sumindo os altos montes,  
E v

Já não ha que se veja  
 Nos claios orisontes,  
 Que não seja vapores,  
 Que Ceo e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas,  
 E o pinho qual rochedo estar parado;  
 Ergue-se a onda, vem á Náo direita,  
 E quebra no costados  
 O Navio se deita,  
 E ella finge a Jadeira  
 Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,  
 Cahir de laes a linha que os engana;  
 Hum doirado no anzol está pendente,  
 Sofre morte tyranna,  
 Entre tanto que a sente,  
 Ao tombadilho açouta  
 A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma carroça  
 De formosas conxinhas enfeitada;  
 Deltins a movem, e vem Thetis nella;

Na popa está parada ;  
Nem pôde a Deosa bella  
Tirar os brandos olhos  
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados  
Os nus Tritões deixando a esfera cheia  
Com o rouco som dos buzios retrocidos.

Recreia , sim , recreia  
Meus attentos ouvidos ,  
O canto sonoroso  
Da musica sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gajeiro  
Descobre arrumação , e grita terra ,  
A' murada caminha alegre a gente ;  
Alguns entendem que erra ;  
Pelo immóvel sómente  
Conheço não ser nuvem ,  
Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres ;  
( E que nova alegria me arrebata ! )  
De Gascaes a moleta já vem perto ,  
E vi

Já de abordar-nos trata;  
Já o Piloto esperto,  
Inda debaixo manda  
Soltar mezena, e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,  
A groça artilharia já me atroa;  
Lá ficão Paço d'Arcos, e a Junqueira;  
Já corre pela proa  
Huma amarra ligeira;  
E a Não já fica surta  
Diante da grão Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero  
Renovar da amizade antigos laços;  
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente  
Arrasta a mim os passos;  
Ah! como vem contente;  
De longe mal me avista  
Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos pelos pés o aperto,  
E manda que dos pés ao peito passe:  
Marilia quanto eu fiz, fazer intenta;

Antes que os pés lhe abrace  
 Nos braços a sustenta ;  
 Dá-lhe de filha o nome ,  
 Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada , oh Ceos acordos !  
 Conheço não estar no claro Tejo ;  
 Abro os olhos , procuro a minha amada ,  
 E nem se quer a vejo .  
 Venha a hora afortunada ,  
 Em que não fique em sonho  
 Tão ardente desejo .

---

## L Y R A XXXVI.

**P**E'ga na lyra sonora ,  
 Péga , meu charo Glaucesta :  
 E ferindo as cordas de ouro ,  
 Mostra aos rusticos Pastores  
 A formosura celeste  
 De Marilia , meus amores .  
 Ah , pinta , pinta

A minha bella :  
E em nada a cópia  
Se affasta della.

Que concurso , meu Glauceste ,  
Que concurso tão ditoso !  
Tu es digno de cantares  
O seu semblante divino ;  
E o teu canto sonoroso  
Tambem do seu rosto he dino.

Ah, pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia  
Se affasta della.

Para pintares ao vivo  
As suas faces mimosas ,  
A discreta Natureza  
Que providencia não teve !  
Creou no jardim as rosas ,  
Fez o lyrio , e fez a neve.

Ah, pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia

Se affaste della.

A pintar as negras tranças  
Peço que mais te desvelles :  
Pinta chusmas de amorinhos  
Pelos seus fios trepando ;  
Huns tecendo cordas delles ,  
Outros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Para pintares , Glauceste ;  
Os seus beiços graciosos ,  
Entre as flores tens o cravo ;  
Entre as pedras a granada ;  
E para os olhos formosos ,  
A Estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Mal retratares do rosto  
Quanto julgares preciso,  
Não dês a cópia por feita;  
Passa a outros dotes, passa,  
Pinta da vista, e do riso  
A modestia, mais a graça.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella :  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto  
Com expressões delicadas;  
Os seus pés, quando passeão,  
Pizando ternos amores ;  
E as mesmas plantas calcadas  
Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella :  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,  
Hum terno amante beijando

Suas doiradas cadeias ;  
E em doce pranto desfeito ,  
Ao monte , e valle ensinando  
O nome , que tem no peito .

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della .

Nem suspendas o teu canto ,  
Inda que , Pastor , se veja  
Que a minha bocca suspira ,  
Que se banha em pranto o rosto ;  
Que os outros chorão de inveja ,  
E chora Dirceo de gosto .

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia  
Se affaste della .

---

---

LYRA XXXVII.

**C**Onvidou-me a ver seu Templo  
O cego Cupido hum dia,  
Encheo-se de gosto o peito,  
Fiz deste Deos hum conceito,  
Como delle não fazia.

Aqui vejo descórados  
Os ternissimos amantes,  
Entre as cadeias gemerem;  
Vejo nas piras arderem  
As entradas palpitan tes.

A quem ama, quanto avistas,  
( Diz Cupido ) não atterra;  
Quem quer cingir o loureiro  
Também vai sofrer primeiro  
Todo o trabalho da guerra.

Com tudo que te dilates

Neste sitio não convenho;  
Deixa a estancia lastimosa,  
Vem ver a salla formosa  
Aonde o meu solio tenho.

Entrei n'outro grande Templo,  
Que prespectiva tão grata!  
Tudo quanto nélle vejo  
Passa além do meu desejo,  
E o discurso me arrebata.

He de marmore, e de jaspe  
O soberbo frontespicio,  
He todo por dentro de oiro,  
E a hum tão rico thesouro  
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão  
De sedas de finas cores,  
Em lugar dos cortinados,  
Estão prezos, e enlaçados  
Festões de mimosas flores.

Em torno da salla augusta.

Ardem doirados brazeiros,  
Queimão resinas que estallão;  
E postas em fumo exhalão  
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do trono os seus genios  
Alegres hymnos entoão;  
Danção as graças formosas,  
E aqui as horas gostosas  
Em vez de correrem voão.

Estão sobre o pavimento,  
Igualmente reclinados,  
Nos collos dos seus amores  
Os grandes reis, e os pastores,  
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,  
Me diz o moço risonho,  
Como ainda não reparas  
Em tantas coisas tão raras,  
De que este Templo componho?

Sabes a historia de Jove?

Aqui tens o manso Toiro,  
Tens o Cisne decantado,  
A velha em que foi mudado  
Com a grossa chuva de oiro.

Aplica Dirceo agora  
Os olhos para esta parte,  
Aqui tens a Lyra d'oiro  
Queinda estima o Pastor loiro,  
E a rede que enlaça a Marte.

Vês este arco destramente  
De branco marfim ornado?  
A' casta Deosa servia,  
E o perdeo quando dormia  
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta lyra? com ella  
Tira Orfeo ao bem querido  
Dos Infernos onde estava:  
Vês este farol? guiava  
Ao meu nadador de Abido.

Vês estas duas espadas

Ainda de sangue cheas?  
A Tisbe, e a Dido matárão;  
E os fortes pulsos ornárão  
De Pyramo, e mais de Eneas.

Sabes quem vai no Navio,  
Que neste mar se levanta?  
He Theseo. Vês esse pomo?  
He de Cydippe, assim como  
São aquelles de Atalanta.

Vê agóra estes retratos,  
Que destros pinceis fizerão,  
Ah! que pinturas divinas!  
Todas são das heroinas,  
Que mais victorias me derão.

Repara nesse semblante  
He o semblante de Helena;  
Lá se avista a grega armada,  
E aqui de Troya abrasada  
Se mostra a funesta scena.

Vês est'outra formosura?

He a bella Deidamia;  
Lá tens Achiles ao lado;  
De huma saia disfarçado,  
Como com ella vivia.

Cleopatra he quem se segue:  
Alli tens lançando a linha  
Marco Antoniô socegado,  
Ao tempo em que Augusto irado  
Com armada Nâo caminha.

Aqui Hermia se figura;  
Vê hum Sabio dos maiores,  
Qual infame delinquente,  
Ir desterrado, sómente  
Por cantar os seus amores.

Este he de Omphale o retrato;  
Aqui tens ( quem o diria! )  
Ao grande Hercules sentado  
Com as mais damas no estrado,  
Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte,

Conheces Dirceo aquella?  
Onde vais, lhe digo, explica,  
Que belleza aqui nos fica,  
Sem fazeres caso della?

Ergo o rosto, ponho a vista  
Na im2gem n2o explicada,  
Oh! quanto he digna de apreço!  
Mal exclamo assim, conheço  
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos  
Em terno pranto sahia,  
E no meu peito saltava;  
Disfarçando amor olhava  
Para mim a furto, e ria.

Depois de passado tempo,  
A mim se chega, e me abala;  
Desperto de tanto assombro;  
Elle bate no meu hombro,  
E assim affavel me falla:

Sim, caro Dirceo, he esta

A divina formosura ,  
Que te destina Cupido ,  
Aqui tens o laço ordido ,  
Da tua imortal ventura .

Hum Numen , Dirceo , hum Numen ,  
Que os trabalhos de hum humano ,  
Desta sorte felicita ,  
Não he como se accredita ,  
Não he hum Numen tyranno .

Olha se a cega Fortuna ,  
De tudo quanto se cria ,  
Ou nos mares , ou na terra ,  
Em seus thesoiros encerra  
Outro bem de mais valia ?

Lizas faces cor de roza ,  
Brancos dentes , olhos bellos ,  
Lindos beiços encarnados ,  
Pescoço e peitos nevados ,  
Negros e finos cabellos ,

Não valem mais que cingires ,  
**F**

Com braço de sangue immundo,  
Na cabeça o verde loiro?  
Do que teres montes de oiro?  
Do que dares Leis ao mundo?

Ahi! ensina, sim, ensina  
Ao vil mortal atrevido,  
E ao peito que adora terno,  
Que tem, para hum o Inferno,  
Para outro hum Cœo, Cupido.

Ao resto Amor me convida,  
Eu chorando a mão lhe beijo,  
E lhe digo: Amor, perdoa  
Não seguirte; pois não voa  
A ver mais o meu desejo.

FIM DA PARTE I.

M A R I L I A  
D E  
D I R C E O.

---

*P A R T E II.*

---

D I F E R

M A R I L I A  
D E  
D I R C E O.

---

L Y R A I.

J A' não cinjo de loiro a minha testa;  
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:  
Ah! que nem me resta  
Huma já quebrada,  
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado , em que me vejo,  
Pede , Marilia , Amor que vá cantar-te:  
Compro o seu desejo;  
E ao que resta supra  
A paixão , e a arte.

A fumça , Marilia , da candêa ,  
Que a molhada parede ou cuja , ou pinta ,  
Bemque tosca , e fêa ,  
F iii

Agora me pôde  
Ministrar a tinta.

Aos mais preparam o discurso apronta :  
Elle me diz, que faça no pé de huma  
Má laranja ponta ,  
E delle me sirva  
Em lugar de pluma.

Pérdar as uteis horas não , não devo ;  
Verás , Marilia , huma idéa nova :  
Sim , eu já te escrevo ,  
Do que esta alma dita  
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura ,  
Nada obra em te adorar , que assombro faça :  
Mostra mais ternura  
Quem te estima , e morre  
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,  
A testa formosa ,

Os dentes nevados ,  
Os negros cabellos.

Vejo , Marilia , sim , e vejo ainda  
A chusma dos Cupidos , que pendentes  
Dessa boca linda ,  
Nos ares espalhão  
Suspiros ardentes.

Se alguem me perguntar onde eu te vejo ,  
Responderei No peito que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintarão ,  
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão , ah ! nessa hora  
Teu Retrato fizerão , e tão forte ,  
Que entendo , que agora  
Só pôde apagallo  
O pulso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Ceos , que vejo !  
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro :  
Ah ! dá-lhes hum beijo ,  
F iv

E diz-me que valem  
Mais que Letras de ouro.

---

## L Y R A II.

**M**Orri, ó minha Bella;  
Não foi a Parca impia,  
Que na tremenda róca,  
Sem ter descânço, fia:  
Não foi, digo, não foi a morte fêa,  
Quem o ferro moveu, e abrio no peito  
A palpitante vêa.

Eu, Matilia, respiro;  
Mas o mal, que supporto,  
He tão tyranno, e forte,  
Que já me dou por morto:  
A insolente colúmnia depravada  
Ergueu-se contra mim, vibrou da língua  
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo

Cadafalço enlutado,  
Nem de torpe verdugo  
Braço de ferro armado;  
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia,  
E delle só me mostra a estreita frésta  
O quando he noite, ou dia.

Olhos baços e sumidos,  
Macilento e descarnado,  
Barba crescida e hirsuta,  
Cabello desgrenhado:  
Ah, que imagem tão digna de piedade!  
Mas he minha Marilia como vive  
Hum Réo de Magestade.

Venha o processo, venha;  
Na innocencia me fundo:  
Mas não morrerão outros,  
Que davão honra ao mundo!  
O tormento, minha alma, não recuzes,  
A quem sabio cumprio as leis sagradas,  
Servem de solio as cruzes.

Tu, Maria, se ouvires,  
F v

Que ante o teu rosto afflito  
 O meu nome se ultraja  
 C' o supposto delicto,  
 Dize severa assim em meu abono:  
*Não tóma as armas contra hum sceptro justo*  
*Alma digna de hum throno.*

## L Y R A III.

**E**sprema a vil calumnia muito embora  
 Entre as mãos denegridas, e insolentes,  
 Os venenos das plantas,  
 E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto  
 Não has de ver, Marilia, o medo escrito:  
 O medo perturbado,  
 Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,  
 As Furias infernaes, que Pluto move;  
 Mas pôde mais que todas

Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,  
A quem seu nome derão, a Narciso;  
Fez de muitos os Astros,  
Qu'inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias  
Do nescio, do atrevido ingrato povo;  
Em nova flor mudar-me,  
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos por fins occultos  
Em tão tyranno mal me não socorrem;  
Verás então, que os sabios,  
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:  
Hum coração, e basta,  
Onde tu mesma cabes.

## L Y R A IV.

**S**Ucede, Marilia bella,  
A' medonha noite o dia;  
A estação chuvosa e fria,  
A' quente secca estação.

Muda-se a sorte dos tempos;  
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras  
Brotão em flores viçosos;  
Nos Invernos escabrosos  
Largão as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos;  
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão  
Armadas redes os passos;  
Rompem depois aos seus laços,  
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;

Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto;  
Depois das penas vem gosto,  
Depois do gosto afficção.

Muda-se a sorte dos homens;  
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão  
Soberbos Gigantes guerra;  
No mais tempo o Geo, e a Terra  
Lhes tributa adoraçāo.

Muda-se a sorte dos Deoses;  
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se  
Do destino a inclemencia;  
Tenho por mim a innocencia,  
Tenho por mim a razão.

Muda-se a sorte de tudo;  
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta

Os troncos , pedras , e o cobre ,  
 O véo rompe , com que encobre  
 A' verdade a vil traiçao .

Muda - se a sorte de tudo ;  
 Só a minha sorte não ?

Qual eu sou , verá o mundo ,  
 Mais me dará do que eu tinha ,  
 Tornarei a ver-te minha ;  
 Que feliz consolaçao !

Não ha de tudo mudar - se ,  
 Só a minha sorte não .

### L Y R A V.

**J**A' , já me vai , Marilia , branquejando  
 Loiro cabello , que circula a testa ;  
 Este mesmo , que alveja , vai cahindo ,  
 E pouco já me resta .

As faces vão perdendo as vivas côres ,  
 E vão - se sobre os ossos enrugando ,

ai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

e quero levantar-me, as costas vergão;  
As forças dos meus membros já se gastão,  
Vou a dar pelá casa huns curtos passos,  
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôz a mão dos annos;  
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,  
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias  
A minha mocidade o doce gôsto;  
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se;  
Voltar a côn ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão;  
Na Primavera, que aos mortaes encanta;  
Apenas cabe do Ceo o fresco orvalho,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;

Mas logo que a doença faz seu termo,  
 Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,  
 O desinhado enfermo.

Suppô-me qual doente, ou qual a planta,  
 No meio da desgraça, que me altera :  
 Eu tambem te supponho qual saude,  
 Ou qual a Primavera.

Sé dão esses teus meigos, vivos olhos  
 Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores,  
 Que effeitos não farão, em quem por elles,  
 Sempre morrêo de amores ?

## L Y R A VI.

**O**S mares, minha bella, não se movem ;  
 O brando Norte assopra , nem diviso  
 Huma nuvem se quer na Esfera toda ;  
 O destro Nauta aqui não he preciso ;  
 Eu só conduzo a não , eu só modero  
 Do seu governo a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,  
 asga-se a vela, o mastaréo se parte!  
 Qualquer varão prudente aqui já teme;  
 Não tenho a necessaria força, e arte.  
 Corra o sabio Piloto, corra, e venha  
 Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede  
 aos homens na ventura, e na desgraça;  
 Basta ao feliz não ter total demencia;  
 Mas quem de venturoso a triste passa,  
 Deve entregar o leme do discurso  
 Nas mãos da sá prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;  
 E esta alma, em tanta pena consternada,  
 Nem sabe aonde possa achar conforto.  
 Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,  
 Toma o leme da não, matêa o panno,  
 Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:  
 Elle me diz que soffra, senão morro;  
 E perco então, se morro, huns doces laços.

Não quero já , Marilia , mais soccorro;  
 Oh ditoso soffrer , que lucrar pôde  
     A gloria dos teus braços!

---

## L Y R A VII.

**V**Ou-me , ó bella , deitar na dura cama ,  
 De que nem se quer sou o pobre dono :  
 Estende sobre mim Morfêo as azas ,  
     E vem ligeiro o sono.

Os sonhos , que rodeão a tarimba ,  
 Mil cousas vão pintar na minha idéa ;  
 Não pintão cadafalsos , não , não pintão  
     Nenhuma imagem fêa.

Pintão que estou bordando hum teu vestido ;  
 Que hum menino com azas , cégo , e loiro ,  
 Me enfa nas agulhas o delgado ,  
     O brando fio de oiro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja ;

Pintão que as mãos nos damos , e aqui vejo  
Subir-te á branca face a côr mimosa ,  
A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz doirada sege  
A' nossa habitaçāo ; que mil amores  
Desfolhāo sobre o leito as molles folhas  
Das mais cheirosas flores.

Pintão que desta terra nos partimos ;  
Que os amigos saudosos , e suspensos  
Apertão nos inchados , roxos olhos  
Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia ,  
Onde passei a flor da minha idade :  
Q' descubro as palmeiras , e em dois bairros  
Partida a gram Cidade.

Pintão leve escaler , e que na prancha  
O braço já te off'reço reverente ;  
Que te aponta c' o dedo , mal te avista ,  
Amontoada gente.

Aqui, *álerata*, grita o māo soldado;  
 E o outro, *álerata estou*, lhe diz, gritando:  
 Acórdo com a bulha, então conheço,  
 Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,  
 A ver-me delinquente, réo de morte,  
 Não sonhára, Marilia, só contigo,  
 Sonhára de outra sorte.

## L Y R A VIII.

**D**E que te queixas,  
 Lingua importuna?  
 De que a Fortuna  
 Roubar-te queira,  
 O que te deu?  
 Este foi sempre  
 O genio seu.

Levou, Marilia,

A impia sorte  
Catoens á morte;  
Nem sepultura  
Lhes concedeu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A outros muitos,  
Que vís nascêrão,  
Nem merecerão,  
A grandes thronos  
A impia ergueu.

Este foi sempre  
O genio seu.

Espalha a cega  
Sobre os humanos  
Os bens, e os damnos,  
E a quem se devão  
Nunca escolheu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A quanto he justo

Já mais se dobra;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deoses  
Do claro Ceo.

Este foi sempre  
O genio seu.

Sóhe ao Ceo Venus  
N'hum carro ufano;  
E cahe Vulcano  
Da pura esfera,  
Em que nasceu.

Este foi sempre  
O genio seu.

Mas não me rouba,  
Bem que se mude,  
Honra, e virtude;  
Que o mais he della,  
Mas isto he meu.

Este foi sempre  
O genio seu.

---

LYRA IX.

**M**eu prezado Glaucesto,  
Se fazes o conceito,  
Que, bem que réo, abrigo  
candida Virtude no meu peito.  
e julgas, digo, que mereço ainda  
Da tua mão soccorro;  
Ah! vem dar-m'o agora,  
Agora sim que morro.

Não quero, que montado  
No Pegaso fogoso,  
Venhas com dura lança  
Ao monstro infame traspassar raivoso;  
Deixa que viva a pérfida calúnia,  
E forje o meu tormento:  
Com menos, meu Glaucesto,  
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,

E toca hum pouco nella:  
Levanta a voz celeste  
Em parte que te escute a minha bella;  
Enche todo o contorno de alegria;  
Não sofras, que o desgôsto  
Affogue em pranto amargo  
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glaucesta,  
Que hum bom cantor havia,  
Que os brutos amansava;  
Que os troncos, e os penedos attrahia.  
De outro destro Cantor tambem affirma  
A sabia Antiguidade,  
Que as muralhas erguêra  
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;  
O som delgado, e terno  
Ao Rei Plutão abranda,  
E o deixa, que penetre o fundo Averno.  
Ah, tu a nenhum cedes, meu Glaucesta,  
Na lyra, e mais no canto;  
Pódes fazer prodigios;

Obrar ou mais , ou tanto.

Levanta pois as vozes :  
 Que mais , que mais esperas ?  
 Consola hum peito afflito ;  
 Que he menos ainda , que domar as feras .  
 Com isto me darás no meu tormento  
 Hum doce lenitivo ;  
 Que em quanto a bella vive ,  
 Tambem , Glaucestre , vivo.

---

## L Y R A X.

**E**U vejo, ó minha bella, aquelle Numen,  
 A quem o nome derão de Fortuna ;  
 Pega-me pelo braço ,  
 E com voz importuna  
 Me diz que move o passo ; (cerca  
 Que entre no grande Templo, em que se en-  
 Quanto o destino manda ,  
 Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro !  
Eu vejo a pobre fundação de Roma;

Vejo-a queimar Cartago ;

Vejo que as gentes doma ;

E vejo o seu estrago.

Lá florece o poder do Assyrio Povo ;

Aqui os Médos crescem ,

E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa : *E que pertendes ?*  
*Todas estas medalhas ver agora ?*

*Ah ! não , não sejas louco :*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda pouco :*

*Deixa estranhos successos , vem comigo ;*

*Verás quanto inda deve*

*Acontecer contigo.*

Levou-me aonde estava a minha historia ,  
Que toda me explicou com medo , e arte.

*Tirei-te libras de oiro ,*

*Me diz , e quero dar-te*

*Todo aquelle thesoiro.*

*Não suspira por bens hum peito nobre ;*

*Severo lhe responde,*  
*Vivo affeito a ser pobre.*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa ;  
 E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra, alegra o rosto,*  
*Prosegue, alli te faço*  
*Restituir o posto.*

Respondo em ar de mófa, e tem sereno :  
*Conheço-te, Fortuna,*  
*Pesso morrer pequeno.*

Aqui te dou, me diz, a tua amada :  
 Então me banho todo de alegria.

*Cuidei, me tórná a cega,*  
*Que essa alma não queria*  
*Nem esta mesma entregá.*

He esse o bem, respondo, que me move,  
 Mas este bem he santo,  
 Vem só da mão de Jove.

Queria mais fallar; eu insoffrido  
 Desta maneira rompo os seus accentos,  
*Basta, Fortuna, basta;*  
 G ii

*Estes breves momentos  
Lá n'outras cousas gasta ;  
Da minha sorte nada mais contemplo.  
E, chamando Marilia,  
Suspiro, e deixo o Templo.*

---

## LYRA XI.

**A** Estas horas  
Eu procurava  
Os meus Amores ;  
Tinhão-me inveja  
Os mais Pastores.

A porta abria ,  
Inda esfregando  
Os olhos belos ,  
Sem dor , nem fitta  
Nos seus cabellos :-

Ah ! que assim mesmo

Sem compostura,  
He mais formosa,  
Que a estrella d'alva,  
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,  
Hum ar mais leve,  
( Que doce effeito! )  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cérco apenas  
Soltava o gado,  
Eu lhe animava  
Aquella ovelha  
Que mais amava;

Dava-lhe sempre  
No río, e fonte,  
No prado, e selva,  
Agua mais clara,  
Mais branda relva.

No collo a punha;  
G iii

Então brincando  
A mim a unia ;  
Mil cousas ternas  
Aqui dizia.

Marilia vendo ,  
Que eu só com ella  
He que fallava ;  
Ria-se a furto ,  
E disfarçava.

Desta maneira  
Nos castos peitos ,  
De dia , em dia  
A nossa chammia  
Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes  
No chão sentado ,  
Eu lhe lavrava  
As finas rócas ,  
Em que fiava !

Da mesma sorte

Que à sua amada,  
Que está no ninho,  
Fronteiro canta  
O passarinho.

Na quente sôsta,  
Della defronte,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ella por dar-me  
De ouvir o gôsto,  
Mais se chegava;  
Então vaidoso  
Assim cantava:

*Não ha Pastora,*  
*Que chegar possa*  
*A' minha bella,*  
*Nem quem me iguale*  
*Tambem na estrella;*

*Se amor concede*  
G iv

*Que eu me recline  
No branco peito,  
Eu não invejo  
Do Jove o leito :*

*Ornão seu peito  
As sãs virtudes ;  
Que nos namorão ;  
No seu semblante  
As Graças morão.*

Assim vivia :  
Hoje em suspiros  
O canto mudo :  
Assim , Marilia ,  
Se acaba tudo.

---

## L Y R A XII.

**S**E acaso não esteu no fundo Averno ,  
Padece , ó minha bella , sim padece  
O peito amante , e terno ,

As afflicções tyrannas , que aos Precitos  
Arbítra Rhadamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes , rangendo os dentes  
Com a mão escarnada não me applicão  
Os raivosas serpentes. (dos :  
Mas cercão-me outros monstros mais ira-  
Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
De mil , e mil cuidados.

Eu não gasto , Marilia , a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha ;  
Ou em mover a roda :  
Mas tenho ainda mais ciuel tormento :  
Por couças que me affligem , roda , e gyra ,  
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
A's tépidas entranhas não me come  
Hum abutre esfainiado ;  
Mas sinto de outro monstro a crueldade :  
Devora o coração , que mal palpita ,  
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos , nem as aguas vejo ,  
 Que de mim se retirão , quando busco  
     Fartar o meu desejo :  
 Mas quer , Marilia , o meu destino ingrato  
 Que lograr-te não possa , estando vendo  
     Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno , estou , Marilia bella ;  
 E n'uma causa só he mais humana  
     A minha dura estrella :  
 Huns não pôdem mover do Inferno os passos ;  
 Eu pertendo vôar , e vôar cedo  
     A gloria dos teus braços .

## L Y R A XIII.

**A**rde o velho barril , arde a cabeça ,  
 Em honra de João na larga rua ;  
 O credulo Mortal agora indaga ,  
     Qual seja a sorte sua ?

Eu não tenho alcaçofra , que á luz chegue ,

E nella orvalhe o Ceo de madrugada,  
Para ver se rebentão novas folhas,  
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo , que despeje  
Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella  
Fingir Palacios grandes , altas Torres ,  
E huma Não á·vela.

(vido

Mas , ah ! em bem me lembre ; eu tenho ou-  
Que na bôca hum bochecho d'agoa tome ,  
E atraç de qualquer porta attento esteja ,  
Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse  
O nome , que ha de ter a minha amada :  
Póde verdade ser , se fôr mentira ,  
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena :  
Despejo logo a bôca : ah ! não sei como  
Não morro alli de pena !

Apparece Cupido : então soltando  
 Em ar de zombaria huma risada ,  
 E que tal , me pergunta , esteve a peça ?  
*Não foi bem pregada ?*

*Eu já te disse , que Marilia he tua :*  
*Tu fazes do meu dito tanta conta ,*  
*Que vais acreditar , o que te ensina .*  
*Velha mulher já tonta .*

*Humilde lhe respondo : Quem debaixo*  
*Do açoite da Fortuna afficto geme ,*  
*Nas mesmas cousas , que só são brinquedos ,*  
*Se agoirão males , teme .*

## L Y R A XIV.

**A**H , Marilia , que tormento  
 Não tens de sentir saudosa !  
 Não pódem ver os teus olhos  
 A campina deleitosa ,  
 Nem a tua mesma Aldêa ,

Que tyrannos não proponhão  
A'inda inquieta idéa  
Huma imagem de afflição.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,  
Teu ledo rebanho ao prado,  
Tu dirás: *Aqui trazia*  
*Dirceo tambem o seu gado.*  
Verás os sitios ditosos  
Onde, Marilia, te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,  
Sem quereres, descuidada,  
Tu verás, Marilia, a minha,  
A minha pobre morada.  
Tu dirás então comtigo:  
*Alli Dirceo esperava*  
*Para me levar consigo;*

*E alli soff'reo a prição.*

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
Do cáró Glaucoste a cheça,  
Onde alegres se juntavão  
Os poucos da escolha nossa,  
Pondo os olhos na varanda  
Tu dirás de mágoa chêa:  
*Todo o congresso alli anda,*  
*Só o meu amado não.*

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado,  
Sem que me vejas com elle  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás: *Não foi tyranna*  
*Sómente comigo a sorte;*  
*Tambem certou deshumana*  
*A mais fiel união.*

Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão.

N'humma masmorra mettido,  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados, rôxos olhos,  
Estão, que he mais, retratadas  
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses  
Tristes suspiros em vão.

---

L Y R A XV.

V Es, Marilia, hain cordeiro  
De flores enramado,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado?  
O Povo para o Templo já concorre:  
A Pyra sacro-santa já se accende:  
O Ministro o fere; elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,  
 A quem segura o laço,  
 No chão as mãos espéca,  
 Nem quer mover hum passo.  
 Não conhece que sahe de hum máo terreno;  
 Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,  
 O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como  
 Lhe dispomos a sorte;  
 Hum vai forçado á vida,  
 Vai outro alegre á morte;  
 Nós temos, minha bella, igual demencia;  
 Não sabemos os fins, com que nos move  
 A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho  
 Os máos matar quizerão:  
 De conselho mudárão:  
 Como escravo o vendêrão:  
 José não corre a ser hum servyo affito:  
 Vai subindo os degráos, por onde chega  
 A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino  
 Hoje, ó bella, me prende,  
 Só porque nisto de outros  
 Mais danos me defende?  
 Pôde ainda raiar hum claro dia.  
 Mas quer raiar, quer não, ao Ceo adoro;  
 E beijo a santa mão, que assim me guia.

---

## L Y R A XVI.

**A**lma digna de mil Avôs Augustos!  
 Tu sentes, tu soluças,  
 Ao ver cahir os justos;  
 Honras as santas leis da Humanidade:  
 E os teus exemplos deve  
 Gravar com letras de ouro no seu Templo  
 A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,  
 Que vê com rosto enxuto  
 No seu igual a morte.  
 Não he tambem de Heróe hum peito duro,

Que a sua gloria firma,  
 Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,  
 Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,  
 Quando vê a cabeça  
 Do bom Pompeu, e chora!  
 He grande para mim, quem move os passos  
 E de Dario aos filhos,  
 Que como escravos seus tratar podera,  
 Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,  
 Entre os Heróes do Mundo  
 Hum nome glorioso,  
 Não he, porque levanta huma cidade;  
 He sim, porque nos hombros  
 Salveu do incendio ao Pai, a quem detinha  
 A mão da longa idade.

(vira,  
 Ah: se ao meu contrario entre as chamas  
 Eu mesmo, sim, da morte  
 Aos hombros o remira:  
 Inda por elle muito mais obrára:

E se nada servisse,  
teria então, Amigo, o que fizeste;  
Gemêra, e suspirára.

! quanto são duraveis as cadêas  
De huma amizade, quando  
Se dão iguaes idéas:  
a pezar dos estorvos se sustinha  
Nossa união sincera,  
oi por ser a minha alma igual á tua,  
E a tua igual á minha.

e o cárdo Amigo, te merece tanto,  
Lá lhe fica a sua alma,  
Limpa-lhe o terno pranto.  
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.  
Ah! sim, honrado Amigo,  
Se enxugar não poderes os seus olhos,  
Prantêa então com ella.

---

LYRA XVII.

**S**E lá te chegarem  
Aos ternos ouvidos  
Huns tristes gemidos,  
Repara, Marilia,  
Verás, que são meus:  
Ah! dá-lhes abrigo,  
Marilia, nos peitos;  
Aqui os conserva  
Em laços estreitos,  
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,  
De ouvílos movido,  
Os pede a Cupido,  
Que à todos apanha,  
E lá tos vai pôr.  
Ah, não os desprezes;  
Porque se conspira

O Ceo em meu domínio,  
E a gloria me tira  
De honrado Pastor.

Tem estes suspiros  
Motivo dobrado ;  
Perdi o meu gado ;  
Perdi, que mais vale,  
O bem de te ver.  
Se os não receberes,  
Amante por ora ;  
Por serem de hum triste,  
Os deves, Pastora,  
Por honra acolher.

Virá , minha bella ,  
Virá huma idade ,  
Que , vista a verdade ,  
Gostosa me entregues  
O teu coração.

Os crimes deshonrão ,  
Se são existentes ;  
Os ferros , q' opprimem  
As mãos innocentes , .

Infames não são,

Chegando este dia,  
Os braços daremos:  
Então mandaremos  
De gôsto, e ternura  
Suspiros aos Ceos.

Perme-hão no sepulchro  
A honrosa inscripção:  
*Se teve delicto,*  
*Só foi a paixão,*  
*Que a todos faz réos.*

### L Y R A XVIII.

**E**U, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro,  
Fui hourado Pastor da tua Aldêa;  
Vestia finas lãs, e tinha sempre  
A minha choça do preciso chéa.  
Tirarão-me o casal, e o manso gado,  
Nem tenho, a que me encóste, hum só ca-

( jado.

Para ter , que te dar , he que eu queria  
 De mór rebanho ainda ser o dono ;  
 Prezava o teu semblante , os teus cabellos  
 Ainda muito mais que hum grande Throno.  
 Agora que te offerte já não vejo  
 Além de hum puro amor , de hum sâo desejo.

Se o río levantado me causava ,  
 Levando a sementeira , prejuiso ,  
 Eu alegre ficava , apenas via  
 Na tua breve bôca hum ar de riso ;  
 Tudo agora perdi ; nem tenho o gôsto  
 De verte ao menos compassivo o rosto.

Propanha-me dormir no teu regaço  
 As quentes horas da comprida sésta ,  
 Escrever teus louvores nos olmeiros ;  
 Toucar-te de papoilas na floresta .  
 Julgou o justo Ceo , que não convinha ;  
 Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah , minha bella , se a Fortuna volta ,  
 Se o bem , que já perdi , alcanço , e provo ;  
 Por essas brancas mãos , por essas faces

Te juro renascer hum homem novo ;  
 Romper a nuvem , que os meus olhos cerra,  
 Amar no Ceo a Jove , e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,  
 Que pagarei dos peucos do meu ganho ;  
 E dentro em pouco tempo nos veremos  
 Senhores outra vez de hum bom rebanho .  
 Para o contagio lhe não dar , sobeja  
 Que as affague Marilia , ou só que as veja .

Se não tivermos lás , e pelles finas ,  
 Podem mui bem cobrir as carnes nossas  
 As pelles dos cordeiros mal cortidas ,  
 E os pannos feitos com as lás mais grossas .  
 Mas ao menos será o teu vestido  
 Por mãos de amor , por minhas mãos cozido .

Nós iremos pescar na quente sesta  
 Com canas , e com cestos os peixinhos :  
 Nós iremos caçar nas manhãs frias  
 Com a vara envisgada os passarinhos .  
 Para nos divertir faremos quanto  
 Reputa o varão sabio , honesto , e santo .

Nas noites de serão nos sentaremos  
 C'os filhos, se os tivermos, á fogueira  
 Entre as falsas historias, que contares,  
 Lhes contarás a minha verdadeira:  
 Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto  
 Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,  
 Nos mostraráõ c'o dedo os maís Pastores,  
 Dizendo huns para os outros: *Olha os nossos*  
*Exemplos da desgraça, e sãos amores.*  
 Contentes viviremos desta sorte,  
 Até que chegue a hum dos dois a morte.

## L Y R A XIX.

V  
 Ejo, Marilia,  
 Que o nédeo gado.  
 Anda disperso  
 No monte, e prado;  
 Que assim succede

H

Ao desgraçado ,  
Que a perder chega  
O seu Pastor.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Tambem conheço ,  
Que os Pegureiros ,  
Que apascentavão  
Os meus cordeiros ,  
Daráo suspiros ,  
E verdadeiros ;  
Porque perdêráo  
Hum pai no amor .  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Eu mais alcanço ,  
Que a minha herdade ,  
Estando eu prezo ,  
Soffrer não ha-de  
Nem a charrua ,  
E nem a grade ;  
Que a mão lhe falta

Do Lavrador.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Mas quando sóbe  
A' minha idéa,  
Que tu ficaste  
Lá nessa Aldêa  
De mil cuidados  
E mágoa cheia,  
Das paixões minhas  
Não sou senhor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

A quanto chega  
A pena forte!  
Peza-me a vida,  
Desejo a morte,  
A Jove accuso,  
Maldigo a sorte,  
Trato a Cupido  
Por hum traidor.  
Eu já não soffro

## A viva dôr.

Mas este excesso  
Perdão merece,  
E delle Jove  
Se compadece:  
Que Jove, ó bella,  
Mui bem conhece,  
Aonde chega  
Paixão de amor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

## L Y R A XX.

**D**Irceo te deixa, ó bella,  
De padecer cançado:  
Frio suor já banha  
Seu rosto descorado:  
**O**sangue já não gyra pela vêa;  
Seus pulsos já não batem,  
E a clara luz dos olhos se bacêas.

A lagrima sentida já lhe corre ;  
Já pára a convulsão , suspira , e morre.

Seu espirito chega  
Onde se pune o erro ;  
Late o cão , e se lhe abrem  
Grossos portões de ferro.  
Aos severos Juizes se appresenta ,  
E com sentidas vozes  
Toda a sua tragedia representa ;  
Enche-se de ternura , e novo espanto  
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasniado a bôca ;  
E a pedra não despede ;  
Outro já não se lembra  
Da fome , e mais da sede ;  
Descança o curvo bico , e a garra impia  
Negro abutre esfaieido :  
Nem na róca medonha a Parca fia.  
Até as mesmas Furias inclementes  
Deixão cahir das unhas as serpentes .

Já votão os Juizes ;  
H iii

E o Rei Plutão lhe ordena  
Deixe o sitio, em que ficão  
Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino, e da memoria  
Lhe passa tudo quanto  
Ou pôde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.  
Só, bem que o gôsto as turvas agoas tome,  
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,  
Campinas venturoosas,  
Que mansos rios cortão,  
Que cobrem sempre as rosas;  
Escuta o canto das sonoras aves,  
E bebe as agoas puras,  
Que o mel, e do que o leite mais suaves.  
*Aqui, diz elle, espero a minha bella;*  
*Aqui contente viverei com ella.*

*Aqui... porém aonde*  
Me leva a dôr activa?  
He illusão desta alma;  
Jove inda quer que eu viva.  
Eu devo sim gozar teus doces laços,

E em paga dos meus males,  
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.  
Então eu passarei ao Reino amigo,  
E tu irás depois lá ter comigo.

---

L Y R A XXI

**N**ão molho, Marilia;  
De pranto a masmorra,  
Que o terno Cupido  
Não vôle, e não corra,  
A hilo apanhar.  
Estende-o nas azas,  
Sobre elle suspira,  
Por fim se retira,  
E vai-to levar.

Se o moço não mente,  
Aos tristes gemidos,  
Aos ais lastimores  
Não guardes unidos,

Marilia, c'os teus :  
As lagrimas nossas  
No seio amontôa ,  
Fórm'a azas, e voa ,  
Vai po-las nos Geos.

A Deosa formosa ,  
Que amava aos Troianos ,  
Livra-los querendo  
De riscos, e damnos ,  
A Jove buscou.  
As agoas, que o rosto  
Da Deosa banhárão .  
A Jove abrandáráo ,  
Assim os salvou.

Confia-te , ó bella ,  
Confia-te em Jove ,  
Ainda se abranda ,  
Ainda se move  
Com ancias de amor.  
O pranto de Venus ,  
Que obrou no Pai tanto ,  
Não tem que o teu pranto  
Apreço maior.

L Y R A XXII.

N Esta triste masmorra,  
De hum semivivo corpo sepultura,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura.  
Amor na minha idéa te retrata;  
Busca extremoso, que eu assim resista  
A' dor immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,  
Então mais vivamente te diviso:  
Vejo o teu rosto, e escuto  
A tua voz, e riso.  
Movo ligeiro para o vulto os passos;  
Eu beijo a tibia luz em vez de face;  
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;  
A violencia da mágoa não supporto;  
Foge-me a vista, e caio,  
H v

Não sei se vivo, ou morto.  
 Enternece-se Amor de estrago tanto;  
 Reclina-me no peito, e com mão terna  
 Me limpa os olhos do salgado pranto.

Despois que represento  
 Por largo espaço a imagem de hum defunto,  
 Movo os membros, suspiro;  
 E onde estou pergunto.  
 Conheço então que Amor me tem consigo;  
 Ergo a cabeça, que inda mal sustento,  
 E com doente voz assim lhe digo.

*Se queres ser piedoso,*  
*Procura o sitio, em que Marilia mora,*  
*Pinta-lhe o meu estrago,*  
*E vê, Amor, se chora.*  
*Se lagrimas verter a dor a arrasta,*  
*Huma dellas me traze sobre as pennas,*  
*E para allivio meu só isto basta.*

L Y R A XXIII.

**S**E me viras com teus olhos  
Nesta masmorra mettido,  
De mil idéas funestas,  
E cuidados combatido:  
Qual seria, ó minha bella,  
Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedêra  
E nem estaria vivo,  
Se o menino Deos vendado,  
Extremoso, e compassivo  
Com o nome de Marilia  
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;  
O meio dia têm dado,  
E o cabello ainda flutua  
Pelas costas desgrenhado.  
Não tenho valor, não tenho,

Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*  
*Não estima este cabello?*  
*Se o deixas perder de todo,*  
*Não se ha de enfadar ao vê-lo* &  
*Suspiro, pego no pente,*  
*Vou logo o cabello atar.*

Vem hum taboleiro entrando  
 De varios manjares chejo;  
 Põe-se na meza a toalha,  
 E eu pensativo passeio:  
 De todo o comer esfria,  
 Sem nelle poder tocar.

*Eu entendo que a matar-te,*  
*Diz amor, te tens proposto;*  
*Fazes bem: terá Marilia*  
*Desgôsto sobre desgôsto.*  
 Qual enfermo c' o remedio,  
 Me affijo, mas vou jantar.

Chegão as horas, Marilia,

Em que o Sol já se tem posto;  
Vem-me á memoria que nellas  
Via á janella teu rosto:  
Reclino na mão a face,  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*  
*Já basta, Dirceo, de pranto;*  
*Em obsequio de Marilia*  
*Vai tecer teu doce canto.*  
Pendem as fontes dos olhos,  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me  
A velha, cuja candêa;  
Fica, Marilia, a masmorra  
Inda mais triste, e mais fêa.  
Nem mais canto, nem mais posso  
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: *São horas*  
*De escrever-se o que está feito;*  
*Do azeite, e da fumaça*  
*Huma noya tinto ageito;*

Tomo o pão, que penna finge,  
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono,  
Canta o Gallo a vez terceira;  
Eu digo a Amor, que fico  
Sem deitar-me a noite inteira:  
Faço mimos, e promessas  
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,  
Que hei-de ver Marilia em sonho;  
Não respondo huma palavra,  
A dura cama componho,  
Apago a triste candela,  
E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados  
Resistir, ó minha Bella,  
Quem não tem de Amor a graça?  
Se eu, que vivo á sombra della,  
Inda vivo desta sorte,  
Sempre triste a suspirar?

## L Y R A XXIV.

**Q**ue diversas que são, Marilia, as horas,  
 Que passo na matinorra immunda, e fêa,  
 Dessas horas felices, já passadas  
 Na tua patria Aídêa!

Então eu me ajuntava com Glaucesta;  
 E á sombra de alto Cédro na campina  
 Eu versos te compunha, e elle os compunha  
 A' sua chara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;  
 De exceder hum ao outro qualquer trata;  
 O écco agora diz: *Marilia terna*;  
 E logo: *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sáturos as grutas:  
 Hum para nós ligeiro move os passos:  
 Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta  
 C'os pés em mil pedaços.

*Dirceo, clama hum Pastor ah! bem merece  
Da candida Marilia a formosura.  
E aonde, clama o outro, quer Eulina  
Achar maior ventura?*

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,  
Em quanto em nós durava esta profia.  
E ella, ó minha amada, só findava,  
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana  
Os versos, que de tarde havia feito;  
Mal tos dava, e os lias, os guardavas  
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,  
Banhados com as lagrimas do gosto,  
Jurava não cantar mais outras graças,  
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,  
Eu agora, Marilia, não as canto;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto.

LYRA XXV.

Por morto, Marilia,  
Aqui me reputo:  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado,  
E duro grilhão  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

A chave lá sôa  
Na porta segura:  
Abre-se a escura,  
Infame masmorra  
Da minha prizão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

Já Torres se assenta;  
 Carrega-me o rosto;  
 Do crime supposto  
 Com mil artifícios  
 Indaga a razão.  
 Mas, ah! que não trema,  
 Não trema de susto  
 O meu coração.

Eu vejo; Marilia,  
 A mil inocentes,  
 Nas cruzes pendentes  
 Por falsos delictos,  
 Que os homens lhes dão.  
 Mas, ah! que não trema,  
 Não trema de susto  
 O meu coração.

Se penso que posso  
 Perder o gozar-te,  
 E a glória de dar-te  
 Abraços honestos,  
 E beijos na mão.  
 Marilia, já trema,

Já treme de susto  
O meu coração.

Repara, Marilia,  
O quanto he mais forte,  
Ainda que a morte,  
N'um peito esforçado  
De amor a paixão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.

---

## LYRA XXVI.

**N**ão praguejes, Marilia, não praguejes  
A justiciera mão, que lança os ferros:  
Não traz de balde a vingadora espada;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
As mãos se derão, e em seu peito morão.  
Manda prender ao Réu austera a bôca;

Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia,  
Que culpa aquelle tem, que applica a penna?  
Não he o Julgador, he o processo,  
E a lei, quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem  
Accusaçao, nem prova de outro humano;  
Aqui todos confessão suas culpas,  
Não pôde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes;  
Huma o fogo chega, outra as serpes move,  
Todos maldizem sim a sua estrella,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,  
Bem que a prizão me dá, que eu não mereço.  
Qual eu sou, minha bella, não me trata,  
Trata-me, qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune  
Ao vassallo, que julga delinquente,

e gôsto não terá, podendo dar-lhe  
As honras de innocentia?

vences, Barbacena, aos mesmos Titos  
s sás virtudes, que no peito abrigas;  
io honras tam sómente a quem premeias,  
Honras a quem castigas.

---

L Y R A XXVII.

EU veu, Matilia, vou brigar co' as feras!  
uma soltarão, eu lhe sinto os passos;  
Aqui, aqui a espero  
Nestes despidos braços.  
e hum malhado tigre; a mim já corre,  
o peito o aperto, estalão-lhe as costelas,  
esfallece, cahe, urra, treme, e morre.

em agora hum Leão: sacode a grenha,  
om faminta paixão a mim se lança;  
Venha embora; que o pulso  
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a língua estira,  
 O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,  
 Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?  
 Entendes que os destinos inhumanos  
     Expõem a minha vida  
     No cércio dos Romanos?

Com ursos, e com onças eu não luto.  
 Luto c' o bravo monstro, que me accusa,  
 Que os tigres, e leões mais fero, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima  
 Da vil calunia a cortadora espada;  
     Huma alma, qual en tenho,  
     Não se recêa a nada.

Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,  
 Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito  
 C' as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que vingativo  
 Mando que desça ao Tartaro profundo,  
     Hei de com mão honrada  
     Erguer-lhe o corpo immundo.

i então lhe direi : *Infame, indíno,*  
*ras como costuma o vil humano;*  
*go, o que faz hum coração divino.*

---

## LYRA XXVIII.

**M**inha Marilia ,

O passarinho ,  
A quem roubarão  
Ovos , e ninho ,  
Mil vezes pousa  
No seu raminho ,  
Piando finge  
Que anda a chorar.

Mas logo vôa  
Pela espessura ,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vacca  
Perde a vitela ,

Tambem nos mostra  
Que se desvela ;  
O pacto deixa,  
Muge por ella ,  
Até na estrada  
A vem buscar.

Em poucos dias ,  
Ao que parece ,  
Della se esquece ,  
E vai pastar. —

O voráz Tempo ,  
Que o ferro come ,  
Que aos mesmos Reinos  
Devora o nome ;  
Tambem , Marilia ,  
Tambem consome  
Dentro do peito .  
Qualquer pezar.

Ah ! só não pôde  
Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar.

Tambem , ó bella ,  
Não ha quem viva  
Instantes breves  
Na chamma activa ;  
Derrete ao bronze ,  
Sendo excessiva ,  
Ao mesmo seixo  
Faz estalar.

Mas do ámianto  
A fêbra dura  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tambem , Marilia ,  
Não ha quem negue ,  
Que bem que o fogo  
Nos olhos pegue ,  
Que bem que em linguas  
A's nuvens chegue ,  
A' força d'agua  
Se ha de apagar.  
Se a negra pedra  
Nós accendemos ,  
Com agua a vemos

Mais s' inflammars.

O meu discurso,  
Marilia, he recto;  
A pena iguala  
Ao meu affecto,  
O amor, que nutro,  
Ao teu aspecto,  
E ao teu semblante  
He singular.

Ah! nem o tempo,  
Neminda a morte  
A dôr tão forte  
Pôde acabar.

L Y R A XXIX.

**A** Quelle, a quem fez cégo a natureza,  
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;  
Ainda se despenha muitas vezes,  
E dou remédios juntas.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;  
 Sim me queixo de que má céga seja:  
 Céga, que nem pergunta, nem apalpa,  
 He porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos  
 Ella, Marilia, faz de hum sceptro dono;  
 Cria n'um pobre berço huma alma digna  
 De se sentar n'um Trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,  
 Entrega as grossas chaves de hum thesouro;  
 E lança na miseria a quem conhece,  
 Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,  
 Que atráz do vicio em liberdade corra;  
 Eu honro as leis do Imperio, ella me op-  
 N'esta vil masmorra. (prime

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa  
 Co'a solida razão se não coaduna;  
 Como me queixo da Fortuna tanto,  
 Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa,  
 Que os Sábios fingem, que huma roda move  
 He só a occulta mão da Providencia,  
 A sábia mão de Jove.

Nós he, que somos cégos, que não vemos,  
 A que fins nos conduz por estes modos;  
 Por torcidas estradas, ruins varedas  
 Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas,  
 C' o seu merecimento o virtuoso;  
 Parecer desgraçado, ó minha bella,  
 He muito mais honroso.

## L Y R A XXX.

**A** Minha amada  
 He mais formosa,  
 Que branco lyrio  
 Dobrada rosa,

Que o cinnamomô,  
Quando matiza  
Co' a folha a flor.  
Venus não chega  
Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo chêa,  
Quando na sesta  
C'o vento ondêa,  
Ao seu cabello,  
Quando flutúa,  
Não he igual.  
Tem a côr negra;  
Mas quanto val !

Os astros, que andão  
Na esfera pura,  
Quando scintillão  
Na noite escura,  
Não são, humanos,  
Tão lindos, como  
Seus olhos são.  
Que ao Sol excedem

Na luz, que dão,

A's brancas faces,

Ah! não se atreve

Jasmim de Italia,

Nem inda a neve,

Quando a desata

O Sol brilhante

Com seu calor.

São neve, e cação

No peito ardor,

Na breve bôca

Vejo enlaçadas

As finas per'las

Com as granadas;

A par das beijoas

Rubins da India

Tem preço vil.

Nelles se agarão

Amores mil.

Se não lhe dásse, no mundo

Compadecido, no mundo

Tanto soccorro  
O Deos Cupido;  
Se não vivêra  
Huma esperança  
No peito seu;  
Já morto estava  
O bom Dirceo.

Vê quanto pôde  
Teu bello rosto;  
E de goza-lo  
O vivo gôsto!  
Que, sobmergido  
Em hum tormento  
Quasi infernal;  
Porqu'inda espero,  
Resisto ao mal.

---

## LYRA XXXI.

D E tem-te, vil humano;  
Não espremas cícutas  
Para fazer-me danno.

O quanto, que ellas dão, he pouco forte;  
Procura outras bebidas,  
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,  
Ajunta ahi venenos,  
Que nunca visse o mundo;  
Traz o negrodicôr, que tem nos dentes,  
Nos dentes retorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,  
Que pôz a natureza  
Dentro no mar salgado,  
Não se abala no meio da tormenta;  
Bem que huma onda, e outra onda

Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra  
As robustas raizes,  
Buscando o centro, afferra,  
Não teme ao furacão mais violento;  
E menos, se se deixa  
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rócha; ó bella,  
Que açoita o Sul, que brama,  
E o mar, que se encapella:  
Não temas que do rosto a côr se mude;  
Vence as róchas, e os troncos.  
A sólida Virtude.

A maior desventura  
He sempre a que nos lança  
No horror da sepultura:  
O cobarde a morrer tambem a caminha;  
Com que males não pôde óis  
Humana alma como a minha?

---

LYRA XXXII.

**E**U descubro procurar-me  
Gentil mancebo, e loiro;  
Trazia a testa adornada  
Com folhas de verde loiro.  
Vejõ ser o Pai das Musas,  
E me entrega a lyra d'ouro.

*Ja basta, me diz, ó filho,*  
*Já basta de sentimento;*  
*O cançado peito exige*  
*Hum breve contentamento.*  
*Louva a formosa Marilia;*  
*Ao som do meu instrumento.*

*Riros as cordas; mas que importa?*  
*A dôr não socega nem tanto;*  
*Ergo a voz; então reparo*  
*Que, quanto mais corre o pranto,*  
*He mais doce, e mais sonoro*

Meu terno , e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos  
Na mão , que regia o braço ;  
E depois de estar suspenso ,  
De me ouvir hum largo espaço ,  
Assim diz : o Deos Cupido  
Fazinda mais , do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra ;  
Louva , louvā a tua bella ;  
Porém vê que t'a concedo  
Com condiçō , e cautella...  
Eu lhe córto a voz , dizendo ,  
Que só canto em honra della.

---

L Y R A XXXIII.

O Pai das Musas ,  
O Pastor loiro  
Deo-me , Marilia ,  
I vi

Para cantar-te  
A lyra de oiro.

As cordas firo ;  
O brando vento  
Teus dotes leva  
Nas brancas azas  
Ao firmamento.

O teu cabello  
Vale hum thesoiro ;  
Hum só me adorna  
A súbia frente  
Melhor, que o loiro.  
  
Nesses teus olhos  
Amor assiste ;  
Delles far guerra ;  
Ninguem the foge,  
Ninguem resiste.

Algumas vezes  
Eu o diviso  
Tambem occulto

Nas lindas cóvas,  
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos  
Tem os seus ninhos  
Destros Amores,  
N'elles se gerão  
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,  
Quando com arte  
As armas toma;  
Porque mais prenda  
Ao fero Marte.

Eu produzia  
Estas idéas,  
Quando, Marilia,  
O som escuto  
Das vís cadêas.

Dou hum suspiro;  
Corre o meu pranto;  
E,inda bebendo

Lagrimas tristes,  
De novo canto.

*Sou da constancia  
Hum vivo exemplo:  
E vós, ó ferros,  
Honrareisinda  
De Amor o Templo,*

---

## L Y R A XXXIV.

**R**oubou-me, ó minha Amada, a sorte  
Quanto de meu gozava (impia,  
N'um só funesto dia).

Honras de maioral, manada grossa,  
Fertil, extensa herdade,  
Bem reparada choça.

Metteo-me n'esta infame sepultura,  
Que hei sepulchro sem honras,  
Breve mas morta, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,  
Vinha outro desgraçado  
Sentir também comigo!

Mas te esta companhia não mereço;  
Os Deuses me dão outra,  
Ainda de mais apreço.

Não hei, não, illusão a que te digo;  
Tu mesma me acompanhás;  
Peno, mas hei contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,  
Os teus soltos cabellos,  
As tuas mãos inimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera;  
Bem que subira ao Potro,  
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,  
Com ardentes suspiros,  
A's vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;  
 Huma por huma beijo,  
 E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;  
 Que o teu amor na ausencia  
 Será leal; e fino.

De novo à carta ao coração aperto,  
 De novo à molha o pranto;  
 Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado.  
 A tudo, quanto tenho  
 Com meu suor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe;  
 Com tanto, ó minha cara,  
 Que este só bem me deixe.

Que males voluntários não subirão,  
 Os que te amão, sómente  
 Porque menos te ouvirão.

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga;  
Que eu tenho aquella gloria,  
Que a mil felices nega.

---

L Y R A XXXV.

Não has de ter horror, minha Marilia,  
De tocar pulso, que sofreio os ferros?  
Infames impostores mos lançárão,  
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que rẽ parece,  
Ah! não foi huma vez, não foi só huma,  
Que em defeza dos bens, que são do Estado,  
Moveu a sábia pluma.

He certo, minha amada, sim he certo  
Q' eu aspirava a ser de hum Sceptro o dono;  
Mas este grande imperio, que eu firmava,  
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunhão, não batião

Da grossa peça , e do mosquete os tiros ;  
Só erão minhas armas os soluços ,  
Os rogos , e os suspiros .

De cuidados , disvellos , e finezas  
Formava , ó minha bella , os meus guerreiros ;  
Não tinha nò meu campo estranhas tropas ;  
Que amor não quer parceiros .

Mas pôde ainda vir huij claro dia ,  
Em que estas vis algemas , estes laços  
Se mudem em prizões de allívio cheas  
Nos teus mimosos braços .

Vaidoso então direi : Eu sou Monarca ;  
Dou leis , que he mais , n'um coração divino ,  
Solio que ergueu o gôsto , e não a força ,  
He que he de apreço dino .

---

LYRA XXXVI.

**M**eu sonoro Passarinho,  
Se sabes do meu tormento,  
E buscas dar-me, cantando,  
Hum doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,  
Se me queres ser propicio;  
Eu te dou em que me faças  
Muito maior beneficio,

Ergue o corpo, os ares rompe,  
Procura o Porto da Estrella,  
Sobe á serrã, e se cansares,  
Descança n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada;  
Na Igreja nova, que fica  
Ao direito lado, e segue

## Sempre firme a Villa Rica.

Entra nessa grande terra,  
Passa huma formosa ponte,  
Passa a segunda, a terceira  
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta  
Huma rasgada janela,  
He da sala, aonde assiste  
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,  
Eu te dou os sinaes todos  
Do seu gesto, do seu talhe,  
Das suas feições, e modos.

O seu semblante he redondo,  
Sobrancelhas arqueadas;  
Negros, e finos cabellos,  
Carnes de neve formadas.

A bôca risonha, e breve,  
Suas faces cõr de rosa,

N'uma palavra, a que vires,  
Entre todas mais formosa.

Chega entô ao seu ouvido,  
Dize, que sou quem te mando,  
Que vivo nesta masmorra,  
Mas sem allivio penando.

## LYRA XXXVII.

**S**E o vasto mar se encapella,  
E na rócha em flor rebenta,  
Grossa não, que não tem lâme,  
Em vão sustentar-se intenta;  
Até que naufraga, e corre  
A' discrição da tormenta.

Quem não tem humia belleza,  
Em que ponha o seu cuidado;  
Se o Ceo se cobre de nuvens,  
E se asseopra o vento irado,  
Não tem forças, que resistão

Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,  
Aonde, Marilia, vivo;  
Encosto na mão o rosto,  
Fico ás vezes pensativo.  
Ah! que imagens tão funestas  
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,  
Marilia, toda enlutada;  
A face de hum pâi rugosa,  
Num mar de pranto banhada;  
Os amigos mesculentos;  
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos  
Para outro diverso lado;  
Vejo n'ua grande praça  
Hum theatro levantado.  
Vejo as cruzes, vejo os potros,  
Vejo o alfanje assiado.

Hum frio suor me cobre,

Lassão-se os membros, suspiro;  
 Busco allivio ás minhas ancias,  
 Não o descubro, deliro.  
 Já, meu Bem, já me parece,  
 Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento  
 A tua testa neyada,  
 Os teus meigos, vivos olhos,  
 A tua face rosada,  
 Os teus dentes crystallinos,  
 A tua bôca engracada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,  
 Que a negra noite affugenta;  
 Qual o Sol, que a névoa espalha  
 Apenas a terra aquenta;  
 Ou qual Iris, que o Ceo limpa,  
 Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro  
 Triste illusão, e demencia,  
 Faz de novo o seu officio,  
 A razão, e a prudencia;

E firmo esperanças doces  
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,  
Sobe a viva côr ao rosto,  
Gyra o sangue pela vêa,  
E bate o pulso composto:  
Vê, Marilia, o quanto pôde  
Contra os meus males teu rosto.

---

L Y R A XXXVIII.

**E**U veio aquella Deosa,  
Astrêa pelos Sabios nomeada;  
Traz nos olhos a venda,  
Balança numâmao, na outra espada;  
O vela não me causa hum leve aballo,  
Mas antes atrevido,  
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual he o povo, dize,

Que comigo concorre no attentudo?

Americano Povo!

O Povo mais fiel, e mais honrado!

Tira as Praças das mãos do injusto dono,

Elle mesmo as submete

De novo á sujeição do Luzo Throno.

Eu vejo nas hystorias

Rendido Pernambuco aos Hollandezes,

Eu vejo saqueada

Esta illustre Cidade dos Francezes;

Lá se derrama o sangue brazileiro;

Aqui não basta, supre

Das roubadas familias o dinheiro....

Em quanto assim fallava,

Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;

Punha-me a vista teza,

Enrugava o severo, e acceso rosto;

Não suspendo com tudo no que digo,

Sem o menor receio,

Faço que a não entendo, e assim prosigo.

Acabou-se tyranna,

K

A honra, o zello deste luso Povo?

Não he aquelle mesmo,  
Que estas accções obrou, he outro novo?  
E pôde haver direito, que te mova

A suppor-nos culpados,  
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas hum homem,  
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,  
Que aos outros mover possa  
A' força de respeito, á força d'oiro?  
Os bens de quantos julgas rebelados  
Pódem manter na guerra,  
Por hum anno se quer, a cem Soldados,

Ama a gente acizada  
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,  
Que ponha huma accção destas (co)  
Nas mãos d'um pobre, sem respeito, e lou-  
E quando a commissão lhe confiasse,  
Não tinha pobre somma,  
Que por paga, ou esmolla lhe mandasse?

Nos lemites de Minas,

quem se convidasse não havia;  
 Hir-se-hião buscar socios  
 Na Colonia tambem, ou na Bahia?  
 Está voltada a Corte brazileira  
 Na terra dos Suissos,  
 Onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo author do insulto  
 Mais a riso, do qué a terror me move;  
 Deo-lhe nesta loucura,  
 Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.  
 A prudencia he tratallo por demente;  
 Ou prendello, ou entregallo  
 Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,  
 Hum extenço suspiro aos ares solta;  
 Repete outro suspiro,  
 E sem palavra dar as costas volta:  
 Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?  
 Ainda nada ouviste  
 Do que respeita a mim, socega; attende.

E tinha que offertar-me  
 K ii

Hum pequeno abatido, e novo Estado,  
 Com as armas de fóra,  
 Com as suas proprias armas consternado!  
 Achas tambem, que sou tão pouco esperto,  
 Que hum bem tão contingente,  
 Me obrigasse a perder hum bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,  
 Que a extinção do débito pedia?  
 Já viste levantado  
 Quem á sombra da paz alegre ria?  
 Hum direito arriscado eu busco, e feio,  
 E quero que se evite  
 Toda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apréssso  
 Os vagarosos dias da partida?  
 Que a fortuna risonha,  
 A mais formosos campos me convida?  
 Não me uniria, se os houvesse, aos vís trai-  
 Daqui nem oito quero; (dores)  
 Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó céga, não tenho

Hum groço cabedal dos pais herdado :  
Não o recebi no empiego , ( dado.  
Nem tenho as instruccões d'um bom Sol-  
Far-me-hião os rebeldes o primeiro  
No imperio que se erguia  
A' custa do seu sangue , e seu dinheiro !

Aqui , aqui de todo  
A Deosa se perturba , e mais se altera ;  
Morde o seu proprio beiço ;  
O sitio deixa , nada mais espera.  
Ah ! vai-te , então lhe digo , vai-te embora  
Melhor , minha Marilia ,  
Eu gastasse comtigo mais esta hora.

---

S O N E T O.

O Brei quanto o discurso me guiava,  
Ouvia aos Sabios quando errar temia;  
Aos bons no gabinete o peito abfia,  
Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,  
Mais duro , ou pio do que a lei pedia;  
Mas devendo salvar ao justo ria,  
E devendo punir ao réo chorava.

Não forão Villa Rica os meus projectos ,  
Meter em ferreo cofre copia d'oiro ,  
Que farte aos filhos , e que chegue aos  
(netos :

Outras são as fortunas , que me agoiro ,  
Ganhei saudades , acquiri affectos ,  
Vou fazer destes bens melhor thesoiro;

## INDEX DAS LYRAS.

## PARTE I.

<b>E</b> U, Marilia, não sou algum va-	
queiro,	pag. 5
2 Pintão, Marilia, os Poetas	8
3 De amar, minha Marilia, a formo-	
sura	12
4 Marilia, teus olhos	14
5 Oh! quanto pôde em nós a vária Es-	
trella!	18
6 Acaso são estes	20
7 Vou retratar a Marilia,	24
8 Eu sou, gentil Marilia, eu sou ca-	
ptivo,	26
9 Marilia, de que te queixas?	29
10 Se existe hum peito,	31
11 Não toques, minha Musa, não, não	
toques	35
12 Topei kum dia	39
13 Minha bella Marilia, tudo passa;	43
14 Oh! quantos riscos,	46
15 A minha bella Marilia	51
16 Minha Marilia,	54
17 Não vês aquelle velho respeitavel	59
18 Eu, Glaucoste, não duvido	62

19 Em quanto pasta alegre o manso gado,	63
20 Em huma frondosa	67
21 Não sei, Marilia, que tenho,	69
22 Muito embora, Marilia, muito embora	72
23 N'um sitio ameno	73
24 Encheo, minha Marilia, o gran- de Jove	76
25 O cego Cupido hum dia	78
26 Tu não verás, Marilia, cem ca- ptivos	83
27 O destro Cupido hum dia	85
28 Alexandre, Marilia, qual o rio,	86
29 Tu formosa Marilia já fizestes,	89
30 Cupido tirando	92
31 O tyranno Amor risonho	94
32 Junto a huma clara fonte	96
33 Minha Marilia	97
34 N'uma noite socegado	102
35 Em sima dos viventes fatigados	105
36 Péga na lyra sonora,	109
37 Convidou-me a ver seu Templo	114

## P A R T E II.

1 Já não cingo de louro a minha tes- ta,	125
2 Morri, ó minha bella;	128
3 Esprema a vil cálumnia muito em- bora	130
4 Succede, Marilia bella,	132
5 Já, já me vai, Marilia, branque- jando	134

- 5 Os mares , minha bella , não se mo-  
vem : 136  
7 Vou-me , ó bella , deitar na dura  
cama , 138  
8 De que te queixas , 140  
9 Meu prezado Glaucestre , 143  
0 Eu vejo , ó minha bella , aquelle  
Numen , 145  
1 A estas horas 148  
2 Se acaso não estou no fundo A-  
verno , 152  
3 Arde o velho barril , arde a ca-  
beça , 154  
4 Ah , Marilia , que tormento 156  
5 Vês , Marilia , hum cordeiro 159  
6 Alma digna de mil Avós Augus-  
tos ! 161  
17 Se lá te chegarem 164  
18 Eu , Marilia , não fui nenhum Va-  
queiro ; 166  
19 Vejo , Marilia , 169  
20 Dirceo te deixa , ó bella , 172  
21 Não mólho , Marilia , 175  
22 Nesta triste masmorra , 177  
23 Se me viras com teus olhos 179  
24 Que diversas que são , Marilia , as  
horas , 183  
25 Por morto , Marilia , 185  
26 Não praguejes , Marilia , não pra-  
guejes 187  
27 Eu vou , Marilia , vou brigar co'  
as feras : 189  
28 Minha Marilia , 191

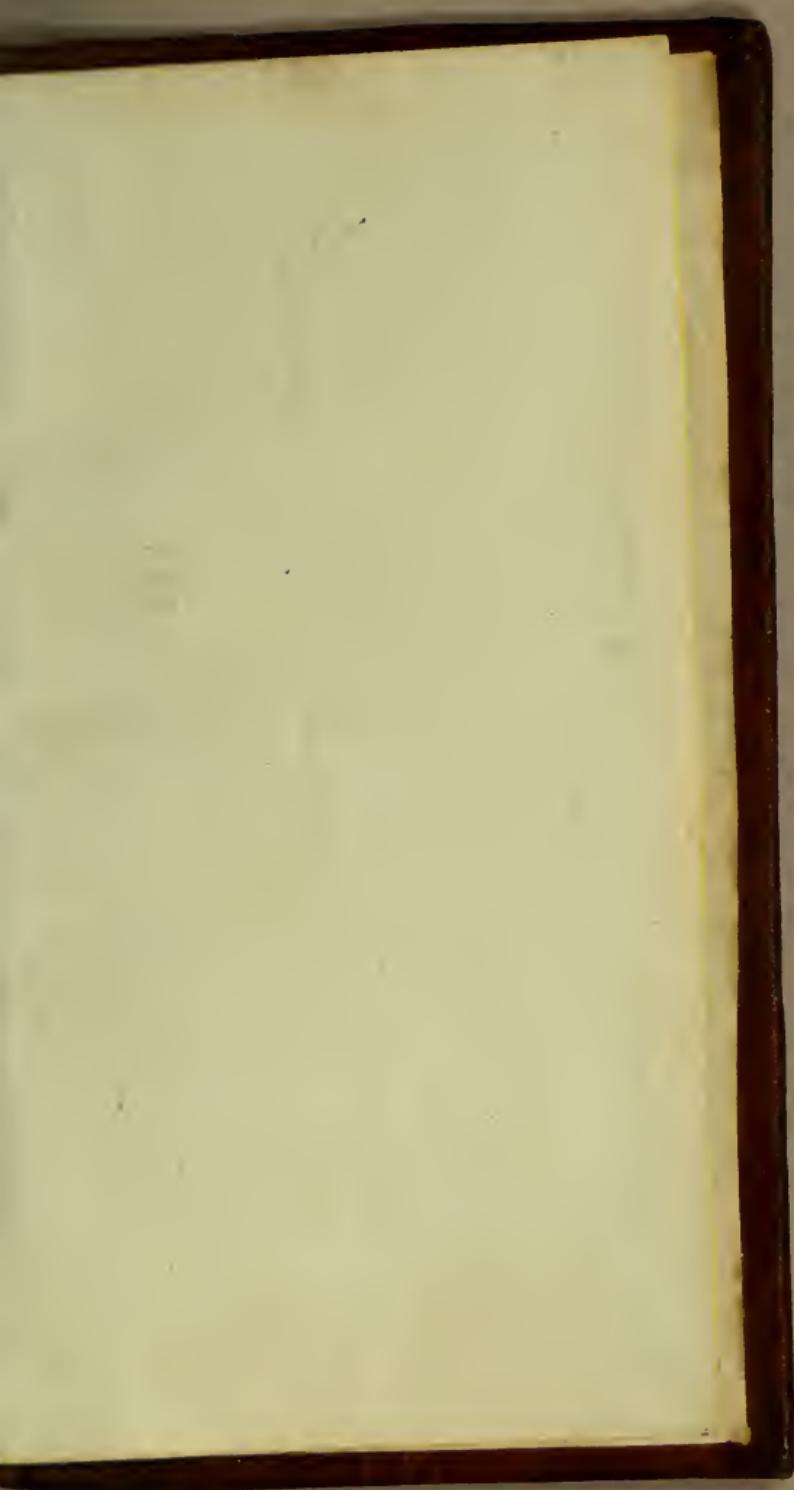
74-247  
23 March 74  
M. Ferreira

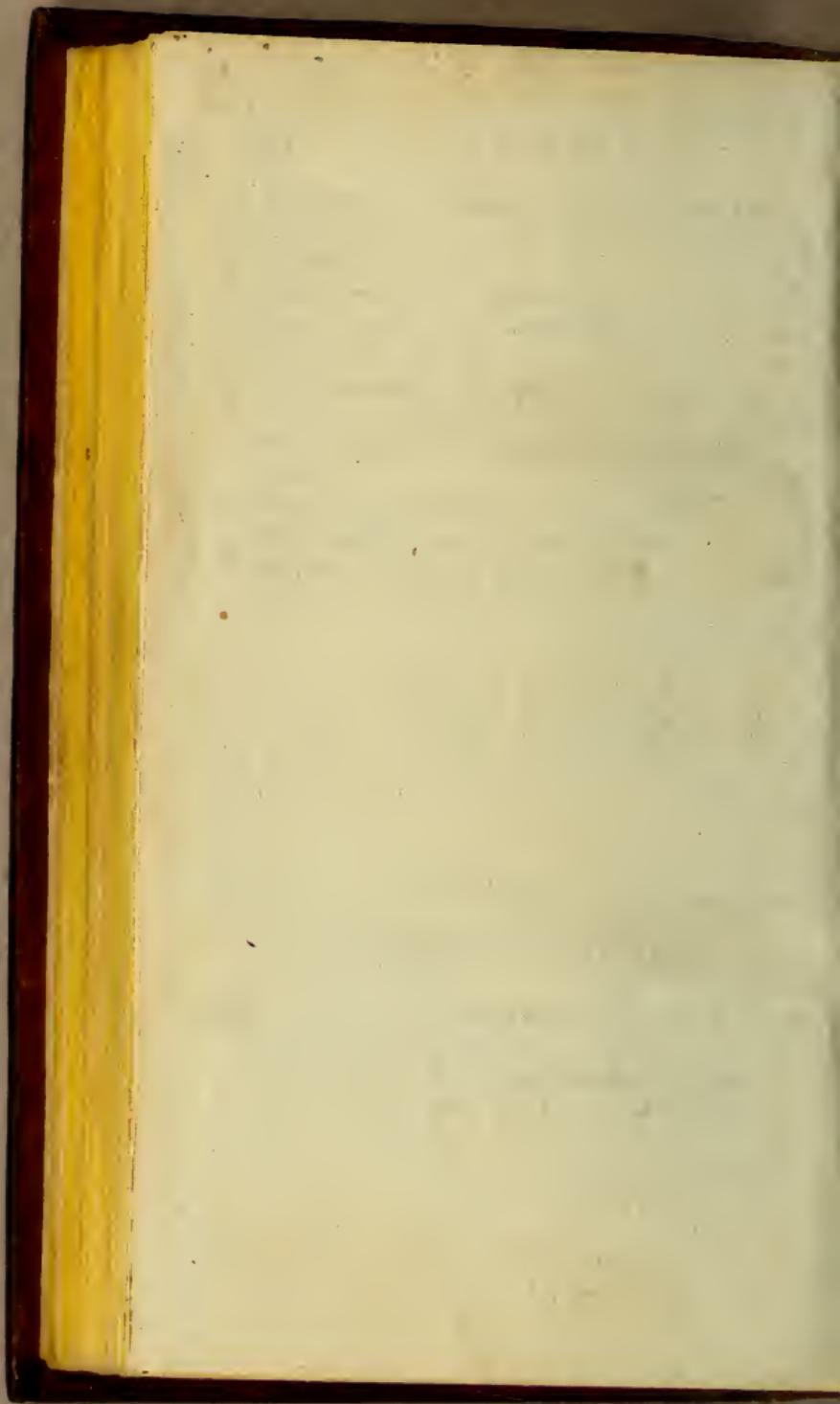
29 Aquelle , a quem fez cégo a na-	
tureza ,	194
30 A minha amada	195
31 Detem-te , vil humano ;	200
32 Eu descubro procurar-me	202
33 O pai das Musas ,	203
34 Roubou-me , ó minha Amada , a	
sorte impia ,	206
35 Não has de ter horror , minha Ma-	
rilia ,	209
36 Meu sonoro Passarinho ,	211
37 Se o vasto mär se encapella ,	213
38 Eu vejo aquella Deosa ,	216

---

#### VARIANTES E EMENDAS.

- pag. 13 v. 6. Que amou Que elle amou  
90 v. 5. Sím , e Verás , e  
v. 19. Borbolhões Borbotões  
106 v. 3. não seja não sejão





C819  
G642m

